

32



MÁRIO CANOVA MOUTINHO  
A BAÍA DA SOLIDÃO

MÁRIO CANOVA MOUTINHO

# A BAÍA DA SOLIDÃO

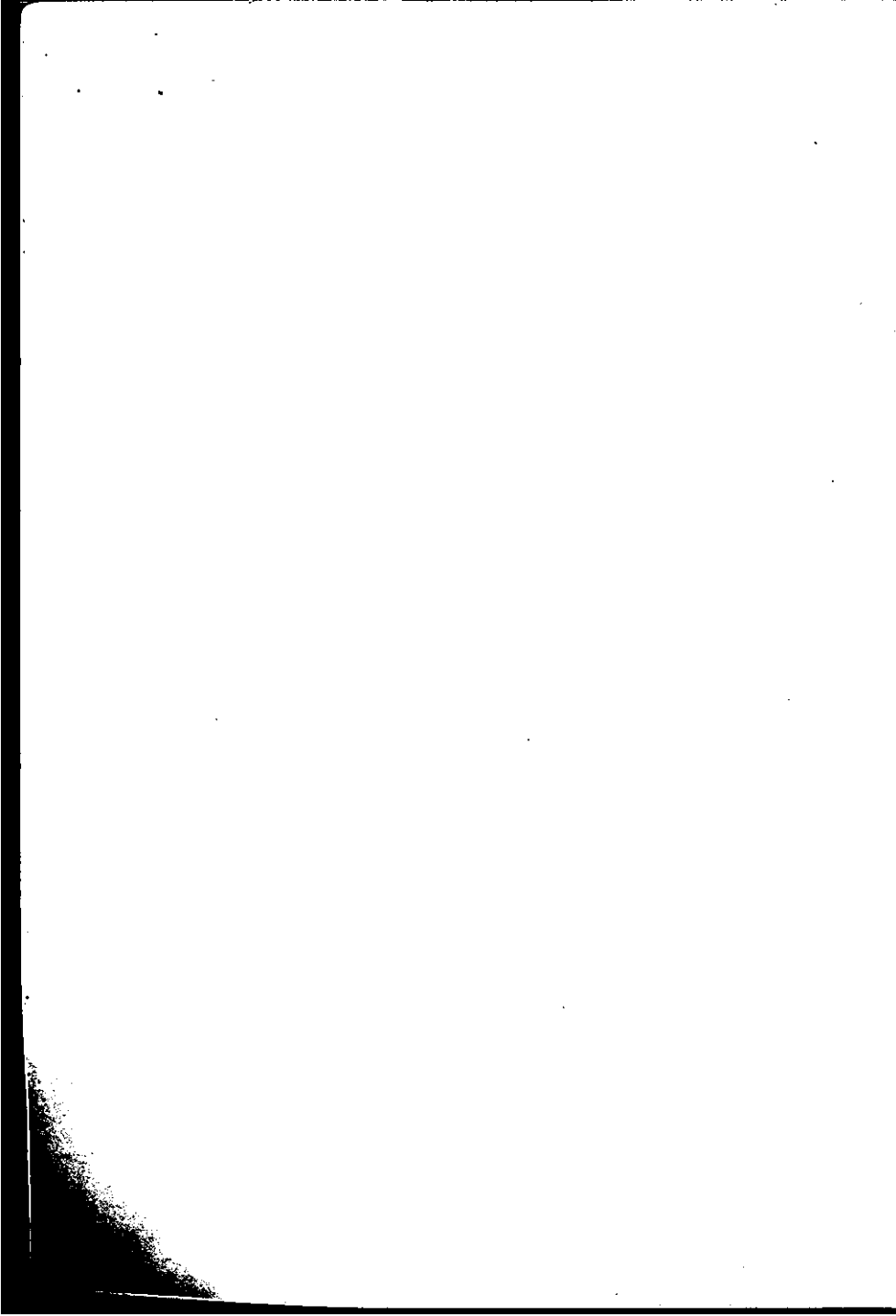


boutique

32

verbo

**verbo**



***boutique***

*A minha Mãe*

***boutique***

Ilustrações de António Casimiro  
e Mário Canova Moutinho

Capa de José Antunes

© *Copyright by* Editorial Verbo, 1980

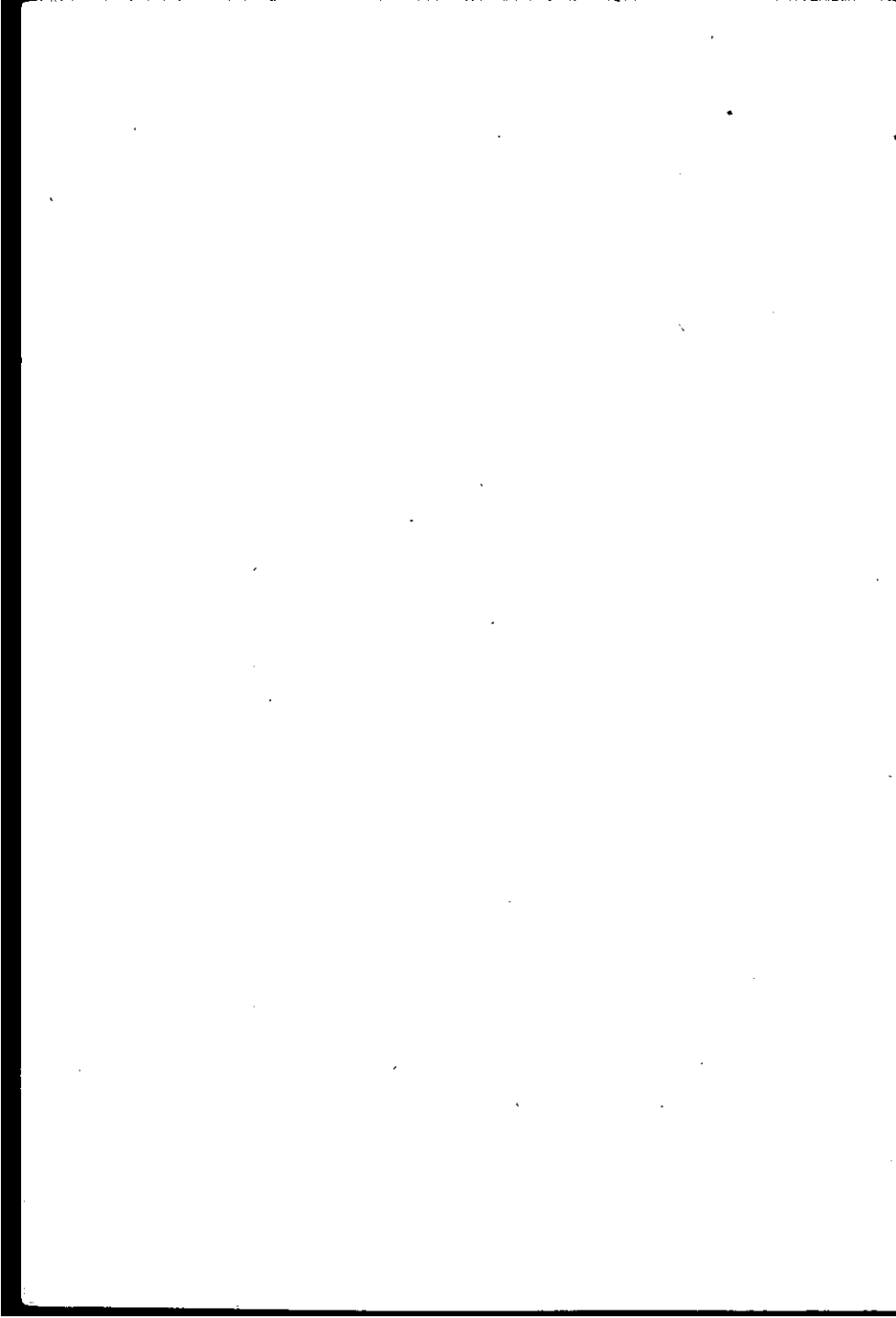
Direitos reservados para a Língua Portuguesa

VERBO • Lisboa / São Paulo

Composto e impresso na Nova Lisboa Gráfica, Ld.<sup>a</sup>  
em Junho de 1980

MÁRIO CANOVA MOUTINHO

**A BAÍA  
DA SOLIDÃO**



## CAPÍTULO I

### **HEI-DE CONTAR-LHE AQUILO QUE VI NO SPITZBERG**

Quando o Verão de 1900 chegou, encontrava-me, havia já algumas semanas, numa aldeia chamada Santa Cruz, situada na ilha Graciosa, nos Açores.

De facto, acabava de abandonar a minha carreira de professor que exercera uma dezena de anos. Tinha demorado a tomar a decisão de deixar o colégio onde era professor de Ciências Naturais, com todos os seus alunos e conversas murmuradas da sala dos professores, que me aborreciam profundamente mas, uma vez tomada a decisão, não demorei a encontrar um substituto e a ir instalar-me nessa ilha.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Já lá tinha vivido quando criança, na época em que o meu pai era representante de uma casa comercial de Southampton. Ele tinha a seu cargo a compra e a expedição para a Inglaterra dos produtos da pesca da baleia que os naturais da ilha praticavam e praticam ainda actualmente.

Lembrava-me de alguns dos habitantes da aldeia, que ainda tinham por mim um certo afecto, já que a passagem de meu pai pela ilha tinha estado ligada a um período de prosperidade. Se ele não tivesse sido chamado a dirigir, em Southampton, a Whale Imp. Co. ter-se-ia mesmo talvez instalado definitivamente nesta ilha.

Já fora visitar algumas das famílias que me tinham amavelmente convidado quando, uma tarde, me falaram de Inácio Real. Veio-me então à ideia esse nome que só os longos anos passados no meu país me tinham feito esquecer. Inácio Real tinha sido um dos mais destemidos pescadores da ilha e os seus feitos faziam sonhar muitas das crianças que nós éramos. No entanto, quando um dia acabava de arpoar uma baleia, a corda do arpão prendeu-se-lhe num pé e Inácio Real não teria escapado a uma morte certa se

o arpão não se partisse por causa de um violento sacção da baleia no preciso instante em que elle ia ser arrastado para o largo.

Içado a bordo pelos companheiros, Inácio Real decidira então abandonar esse tipo de pesca, preferindo no ano seguinte embarcar no «Praia da Vitória» para a Costa da Gronelândia na faina do bacalhau. Não por medo de voltar a arpoar baleias... mas, pensava: «Se hei-de acabar os meus dias no mar, melhor será conhecê-lo um pouco mais enquanto ainda sou novo».

Por isso, no dia seguinte, subi a vereda que à beira da montanha conduz a um lugar sobranceiro ao mar. Não tive dificuldade em reconhecer a casa dele tanto mais que nada, aqui, se tinha modificado depois da minha partida.

Era uma casa térrea, toda ela branca, a não ser os contornos da porta e das janelas pintadas de azul.

Como ninguém respondeu quando bati, empurrei lentamente a porta e dei alguns passos no interior da divisão. Olhei à minha volta, perguntando a mim mesmo como podia alguém que trabalhara tão duramente a vida inteira viver numa tão grande miséria. Na divisão que servia

## A BAÍA DA SOLIDÃO

ao mesmo tempo de quarto, de cozinha e de arrumação, encontrava-se Inácio Real sentado na cama, olhando-me com um ar interrogador.

Falou primeiro, fazendo-me um gesto para que me aproximasse:

— Já me tinham dito que se encontrava na aldeia; gostava de o ter ido ver... mas... não posso sair daqui... — e depois, com um encolher de ombros, acrescentou: — E de que teria servido convidá-lo a vir até aqui? Nada tenho para lhe oferecer.

Inácio Real falava com visível dificuldade. Dir-se-ia que estava dominado por uma enorme fadiga. Quis levantar-se mas, com firmeza, fiz-lhe sinal para que ficasse sentado.

Inquietei-me pela sua saúde, pois pensava ajudá-lo, tanto quanto os meus meios o permitissem.

— A bem dizer, eu não estou doente — respondeu ele —, mas tenho muita dificuldade em restabelecer-me de uma invernagem forçada que fiz há quase dois anos, no Spitzberg. Escapei por pouco, mas sofri tanta fome e frio, semanas seguidas, antes que me encontrassem, que sinto

ainda um frio atroz trespassar-me o corpo todo. Nem o Sol mais forte consegue aquecer-me...

Com efeito já tinha lido que os sobreviventes de naufrágios ou outras catástrofes ocorridas nas regiões árticas guardavam por vezes, anos seguidos, uma sensação de frio que adormecia todos os seus gestos e isso mesmo quando conseguiam restabelecer-se pelo menos um pouco.

Conversámos ainda algum tempo mais e, antes de partir, prometi-lhe voltar no dia seguinte.

No momento em que eu franqueava a porta, Inácio Real disse-me ainda:

— Hei-de contar-lhe o que vi no Spitzberg e garanto-lhe que vai ficar surpreendido. Talvez até pense que estou a inventar ou então que a minha pobre cabeça não vai lá muito bem...

Despedi-me mais uma vez, encostei a porta e comecei a descer a vereda até Santa Cruz. O espectáculo deste pobre homem transido de um frio interior e mal alimentado, tinha-me transtornado profundamente.

No dia seguinte fui bater à porta da minha vizinha que tinha o único «restaurante» da aldeia e pedi-lhe que me preparasse bastante comida para que eu pudesse ir almoçar com Inácio Real.

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

Na loja da praça da igreja, comprei alguns cobertores bem quentes. Pelas onze horas, depois de ter ido buscar a refeição que ela tinha cuidadosamente embalado e colocado num cesto, a fim de se conservar bem quente, tomei o caminho da casa de Inácio Real, levando na mão esquerda o cesto e aos ombros os cobertores que dificilmente conseguia agarrar com a mão direita. Não me alongarei sobre o efeito que produziu em Inácio Real a vista da comida e dos cobertores num dos quais se enrolou imediatamente para não mais o deixar nos dias seguintes.

Então, à medida que Inácio Real me contava a sua aventura, cada vez tinha eu mais interesse em ouvi-lo. A comida que eu lhe trazia diariamente era-lhe verdadeiramente benéfica e ele recuperava um pouco em cada dia as forças que tinha perdido ao longo dos últimos anos de privações.

Porém, não se pense que eu era o único a vir em sua ajuda, porque isso não seria justo. Só que os meios dos habitantes do Lugar ou de Santa Cruz eram muito limitados. Mantê-lo vivo representava já um esforço considerável para esta gente, tanto mais que poucas baleias



tinham vindo frequentar os mares da Graciosa nos últimos meses e que, naturalmente, raros eram, por isso, aqueles que se podiam gabar de não se terem já individado na loja da Praça da Igreja ou na taberna do ancoradouro.

Inácio Real tinha-me então contado como fora parar ao Spitzberg, durante uma campanha da pesca do bacalhau.

— Remava com todas as minhas forças para alcançar o velho «Praia da Vitória». Bem ouvia a sirene de bordo e os tiros do canhão que disparavam para me ajudar a orientar e encontrar o barco... mas, quanto mais remava... mais longínqua estava a sirene.

E Inácio Real prosseguia:

— O nevoeiro era tão espesso que mal conseguia ver a popa do meu dóri<sup>1</sup>. Não posso dizer quanto tempo lutei antes de adormecer, mais ainda pela fadiga que pelo sono propriamente dito! Quando acordei o nevoeiro estava ainda mais denso...

Interrompi Inácio:

---

<sup>1</sup> Embarcação plana, de extremidades esguias, que serve para esticar as linhas nos bancos de bacalhau.

— Ouvi algumas vezes dizer que os pescadores apanhados pelo nevoeiro esperavam que este se levantasse, pois logo que ele se dissipava, o vigia do alto do grande mastro podia então localizá-los com o seu óculo de longo alcance.

— Sim, é verdade — retomou Inácio —, mas eu não tive essa sorte. Esse nevoeiro danado durou pelo menos seis dias e, quando o vento o afastou, o «Praia da Vitória» já tinha desaparecido.

Inácio não tinha experimentado ainda a fome porque comera uma parte do peixe pescado, mas saber-se perdido era uma das maiores angústias que se podem sentir nessas latitudes. O seu dóri andou ainda alguns dias à deriva no meio do nevoeiro que havia caído de novo.

Felizmente o mar estava bastante calmo e não teve assim de suportar o vento que, quando sopra nestas regiões, faz num instante baixar consideravelmente a temperatura.

Talvez estivesse no seu nono ou décimo dia de infortúnio quando Inácio pensou reconhecer o barulho que o mar faz ao longo da costa quando as ondas vêm desfazer-se nos rochedos. Torturava-o a ideia de ir embater contra os

## A BAIÁ DA SOLIDÃO

recifes costeiros, mas pensava também que, se havia rochedos, era porque estava perto de uma ilha onde poderia esperar sobreviver.

Como no dia em que esteve prestes a afogar-se, durante a sua última pesca à baleia, a sorte voltou-lhe. De facto, sem dificuldade, pôde enfim saltar em terra e pôr o dóri em segurança, assim como os poucos objectos que constituíam toda a sua riqueza.

— Eu sabia que estava no Spitzberg — prosseguiu Inácio — não só porque a nossa zona de pesca se situava nessas paragens, mas também porque a partir do quarto ou quinto dia de chuva os gelos flutuantes que, aliás, tinham aparecido já alguns dias antes, eram cada vez mais numerosos, o que por certo me indicava que eu derivara para o norte, portanto, para Spitzberg. Ouvira igualmente dizer que não era raro encontrar lá cabanas que serviam a baleeiros ou a caçadores de focas noruegueses que abordavam por vezes o arquipélago durante o Verão. Assim, depois de ter arrumado convenientemente as minhas coisas, pus-me a seguir tanto quanto possível a linha da costa.

— Pôs-se à procura de uma dessas cabanas?

— Sim, foi o que fiz... mas o frio começava a provocar-me sérios problemas, porque o tempo piorava rapidamente. O vento do norte fizera a sua aparição afastando o nevoeiro. Podia então ver o campo de gelo aumentar a olho nu<sup>1</sup>. No dia seguinte já não havia mar livre: era tudo gelo, até perder de vista.

Inácio Real pôde enfim encontrar uma velha cabana. A porta caíra, mas o interior estava em bastante bom estado. O inventário das coisas que ela continha foi feito num instante porque; além de algumas peles de rena muito estragadas, nada havia a assinalar a não ser uma caçarola, uma faca de lâmina partida e uma frigideira aparentemente capaz de servir. Deu a volta à cabana e encontrou na parte de trás uma pequena quantidade de madeira que ele pensou utilizar o mais tarde possível.

Como o campo de gelo se tinha formado já não podia trazer o dóri para junto da cabana, com o seu magro carregamento de bacalhau. Para se alimentar, apenas podia contar com umas

---

<sup>1</sup> Campo de gelo: zonas de gelos fixos ou à deriva que se encontram nas proximidades das regiões polares.

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

dezenas de quilos de peixe e cerca de dois quilos de isca. Isto não chegava para todo o Inverno. Mas que podia ele fazer?

No dia seguinte voltou então ao barco para ir buscar a sua comida e tudo o que lhe podia ser útil, com a ajuda de um pequeno trenó improvisado. Apanhou depois toda a lenha que dera à costa e que a neve não tinha ainda coberto, levou-a para o interior da cabana e consertou a porta. Debaixo da neve, conseguiu ainda encontrar algumas plantas, espécies de líquenes e depois... depois começou a longa espera.

Sabia perfeitamente que não poderia sobreviver mais do que algumas semanas mas, apesar disso, uma força misteriosa impelia-o a lutar, lutar o mais possível, lutar até ao fim.

Não me alongarei acerca dos detalhes da vida nestas regiões porque dificilmente se pode imaginar até que ponto são dramáticos.

Os leitores tiveram já oportunidade de ver em que estado físico eu tinha encontrado Inácio Real quase dois anos depois da sua invernação forçada: ainda fatigado e gelado até à medula dos ossos...

Quando já não lhe restava nenhuma lenha

e os dois quilos de isca tinham sido comidos, havia já vários dias, a sorte quis que ele fosse encontrado — mas num estado bem lastimável! — por três viajantes, se porventura assim se poderão chamar. E Inácio Real continuou:

— Este pequeno grupo era composto por um homem de sessenta anos, o pastor Hans Mösling, gravemente ferido e adoentado, um jovem que, em contrapartida, respirava saúde e uma jovem, bela como o dia, e que se chamava Frjdis.

Fez uma pausa e depois acrescentou:

— Nos primeiros dias, depois de se terem instalado na cabana, apercebia-me a custo do que eles faziam ou diziam — falava um pouco norueguês por ter passado três anos a bordo de um arrastão norueguês — mas o estado físico em que me encontrava impedia-me, sem dúvida, de os compreender e por isso de intervir na conversa deles.

Em parte restabelecido, Inácio Real iria então partilhar acontecimentos realmente extraordinários e se o seu ar de franqueza não fosse tão seguro, tão tenaz a sua vontade de ser acreditado, acho que teria, efectivamente, pensado

## A BAÍA DA SOLIDÃO

que ele inventava ou pelo menos que o infeliz não estava no pleno uso da razão.

Desde o primeiro dia, Frjdis tinha-lhe dedicado muitos cuidados — a fim de o salvar — se bem que o pastor, seu pai adoptivo, lhe merecesse também bastante atenção.

O jovem, esse, saía quase regularmente durante uma boa parte do dia e voltava sempre com a comida e a lenha necessárias para manter viva toda a nossa pequena comunidade.

Inácio Real, fitando-me sempre nos olhos, sem dúvida para ver se eu acreditava no que ele me dizia, continuava a sua história:

— Recuperei o suficiente para participar nas pequenas tarefas que a vida nessas condições exigia. Enquanto o jovem estava fora, Frjdis e eu tomámos o hábito de nos sentarmos perto do lume. Ela contava-me então, sob o olhar do seu pai adoptivo, os acontecimentos que os trouxeram até essa pobre cabana situada entre um enorme glaciár e um campo de gelo que se estendia até perder de vista.

Os feitos que Inácio Real attribuía a Frjdis e ao jovem surpreenderam-me verdadeiramente, se porventura surpreender é o termo apropriado

para designar ao mesmo tempo a surpresa, a admiração mas também a inquietação e, confesso, a curiosidade científica que a minha passada profissão deve ter aguçado.

Inácio Real e os seus salvadores puderam finalmente voltar à civilização na Primavera seguinte a bordo de um veleiro norueguês que os conduziu a Tromsö; e foi no porto de Tromsö, pequena cidade de pescadores, na costa da Lapónia, que ele viu Frjdis pela última vez, em Julho de 1899, no momento em que, para seu grande desespero, ela era obrigada a acompanhar o pai adoptivo a Trondheim onde ele tinha ainda família e poderia sem mais tardar restabelecer-se dos seus sofrimentos.

O jovem tinha desaparecido subitamente e, apesar de todos os esforços que desenvolvemos durante duas semanas para o descobrir, não foi possível encontrar o mais pequeno indício que deixasse antever a mínima esperança de voltar a vê-lo.

Seria possível que um amor tão terno e sereno fosse assim desfeito? Por que estranho acontecimento teria o jovem desaparecido?

Durante os dias em que Inácio Real me con-

## A BAIÁ DA SOLIDÃO

tava a sua aventura, eu ia progressivamente sentindo por este jovem casal uma afeição profunda e tinha-se-me tornado insuportável saber Frjdis levada ao desespero agora que o seu regresso «à civilização» deixava prever um fim dos mais felizes.

Alguns meses antes, tinha deixado o meu velho colégio para vir encontrar em Santa Cruz a paz e a felicidade de uma vida tranquila mas agora, apesar de tudo, eu bem sentia que qualquer coisa em mim me impedia já de aí ficar por mais tempo.

Anunciei pois a Inácio Real a minha intenção de partir logo que possível para Trondheim não só para satisfazer a minha curiosidade de homem de ciência mas também e sobretudo para ver se, de qualquer modo, poderia ajudar Frjdis.

Os leitores perdoar-me-ão por não desvendar imediatamente o que me comoveu e intrigou naquilo que Inácio Real me contara e que eu considero serem factos excepcionais. Mas para a boa compreensão da minha narrativa prefiro introduzir esses acontecimentos mais tarde, quando a sua inserção melhor se justificar.

## CAPÍTULO II

### ESSA MENINA ERA FRJDIS

Tomei pois as disposições necessárias para realizar essa viagem a Trondheim de modo que cheguei à cidade do Porto no dia 20 de Agosto de 1900 e aí, tal como eu esperava, foi fácil encontrar um barco com destino à Escócia, donde contava sair para a Noruega. De facto são numerosas as companhias inglesas e escocesas que asseguram o transporte do célebre vinho do Porto e não tive de esperar mais que uma semana antes de embarcar no «Rose Mary» que pertencia à Rose Port Wine Imp. Co. de Edimburgo.

Navegávamos já ao largo da Escócia quando me cruzei pela primeira vez com o capitão do

## A BAÍA DA SOLIDÃO

«Rose Mary». Até aí, aliás, ele não se tinha mostrado senão uma ou duas vezes quando as manobras mais delicadas exigiam a sua presença na coberta do navio. Pareceu-me contudo bem educado e não tivemos dificuldade em travar uma conversa animada. Naturalmente que aproveitei a ocasião para me informar das possibilidades de chegar a Trondheim rapidamente.

— Não terá nenhuma dificuldade em arranjar transporte para essa cidade, pois chegaremos sem dúvida amanhã a Edimburgo e depois de amanhã, como aliás todas as quintas-feiras, haverá o barco de Weston Norway C. que faz a ligação entre Trondheim e Bergen.

Ia manifestar a minha satisfação ao saber da boa notícia, quando o capitão continuou:

— Aliás, já não é a Weston Norway C. mas sim a nova Steamer Transport C. visto que a Weston foi comprada pela Steamer há já alguns anos. É o hábito. Sempre conheci a Weston e é difícil mudar. Aliás, nunca cheguei a saber porque é que tinha sido vendida visto que era uma companhia muito próspera...

Não prestei nenhuma atenção a esses pormenores aparentemente sem interesse se bem

que compreendesse que, para alguém que vive no mar, o nome ou a mudança de propriedade das companhias marítimas e o porquê ou como uma ou outra tinha sido vendida, podia ter a sua importância. No entanto, o futuro veio a demonstrar-me que deveria ter escutado melhor o capitão quando ele falava da Weston Norway C....

O resto da viagem decorreu como previsto e a 10 de Setembro, pela manhã, com um tempo encoberto, entrei no fiorde de Trondheim.

A chegada precoce do Inverno tornara o ar já bastante fresco. Desembarquei e tomei a direcção da velha catedral, visível, aliás, de qualquer ponto da cidade ao lado da qual se encontra a Praça do Palácio onde, segundo um passageiro com o qual eu tinha falado durante esta última travessia, encontraria um hotel bastante confortável.

Trondheim é uma pequena cidade com um porto muito animado mas onde a maioria dos barcos vem acostar junto aos pilares de madeira dos armazéns o que facilita muito as operações de carregamento e descarregamento. Tudo em Trondheim é construído em madeira com excepção da catedral, dos correios, da estação ferro-

## A BAIÁ DA SOLIDÃO

viária e dos dois bancos, mas isto não quer dizer que a cidade não seja próspera porque na realidade bastava ver os fios telefónicos e eléctricos que se cruzam em todos os sentidos para verificar que em Trondheim o progresso não é palavra vã.

Enquanto andava, numerosas pessoas — homens, mulheres e crianças — passavam apressadamente por mim em direcção à praça. Interrogava-me sobre a razão de tanta pressa quando o barulho de uma manifestação se fez progressivamente ouvir. De facto, havia na praça uma grande multidão que ouvia um orador, ora aplaudindo, ora dando sinais de desaprovação.

Abri caminho pelo meio desta multidão e cheguei dificilmente ao outro lado da praça onde uma enorme placa indicava Hotel Saga.

Todo o pessoal se encontrava na porta da entrada para ver a manifestação e também eu preferi aí ficar dado que, como é natural, até o dono se recusava a dar-me a mais pequena atenção.

Explicaram-me então que era a independência da Noruega que causava uma tão grande manifestação.

A avaliar pela multidão reunida, Trondheim em peso desejava essa independência que, diga-se a verdade, não demorou a tornar-se uma realidade.

Entrei, enfim, no átrio do hotel. Um senhor, com certeza o dono, veio receber-me e, depois das formalidades usuais, subi para o meu quarto, no primeiro andar. Aproximei-me da janela que dava para a praça e notei que já não havia orador e que as pessoas começavam a dispersar.

Estendi-me sobre a cama e devo ter adormecido porque quando bateram à porta para anunciar o jantar a noite já tinha caído. Da praça não subia mais nenhum ruído.

Depois do jantar o dono do hotel acompanhou-me num cálice de conhaque e aproveitei para me informar sobre Hans Mösling e Frjdis. Primeiro pareceu hesitante mas, antes que me desse uma resposta negativa, acrescentei:

— Pelo que me disseram, tratar-se-ia de um pastor que ultimamente residiu no Spitzberg.

— Ah! nesse caso — interrompeu o dono —, quer falar do sobrinho de Fru Brunhilde. De facto, conheço-o.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Depois, dirigiu-se para a janela, correu os cortinados e convidou-me a aproximar.

— Vê, além, a casa do outro lado da praça por trás do candeeiro? É aí que mora Fru Brunhilde com uma governanta. Mas não creio que lá encontre o pastor Hans Mösling.

Na manhã do dia seguinte acordei cedo. A minha primeira ideia foi ir até à janela para ver a casa de Fru Brunhilde: lá estava. Construída em madeira, com dois pisos, parecendo tão confortável como as outras casas da praça.

Quando, enfim, pelas 10 horas fui bater à porta não pude dissimular um certo nervosismo e creio mesmo ter gaguejado quando a governanta me abriu a porta e eu perguntei se Fru Brunhilde me podia receber por uns instantes.

A governanta fez-me sinal para entrar e convidou-me a passar ao salão que, sem estar muito ricamente decorado, não deixava de demonstrar um certo desafogo da dona da casa.

Alguns minutos mais tarde Fru Brunhilde apareceu na porta entreaberta e depois de me ter lançado um breve mas insistente olhar através do seu lornhão saudou-me com cerimónia convidando-me a sentar.

Em primeiro lugar apresentei-me e depois abordei a razão da minha visita. Evitei no entanto falar do jovem porque não queria pela minha indiscrição levantar eventuais problemas. Falei-lhe do pastor Hans Mösling, de Frjdis, da sua estada em Spitzberg e terminei, à guisa de explicação:

— O meu maior desejo seria pois encontrar-me com eles a fim de poder ouvir da sua própria boca a aventura que viveram.

Mas no fundo bem sabia que tinha muitas razões para desejar esse encontro.

Visivelmente emocionada, Fru Brunhilde disse-me, depois de um longa hesitação:

— Infelizmente não creio que possa encontrá-los com facilidade.

Ela pôde ver então parar-se-me a respiração, mas prosseguiu lentamente:

— O meu sobrinho Hans nunca se restabeleceu dos seus sofrimentos de uma vida inteira a pregar a palavra de Deus em regiões medonhas. Está numa casa de repouso, onde o pobre ficará provavelmente até ao fim dos seus dias.

— E Frjdis? — perguntei com uma ponta de inquietação.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

— Frjdis vive em Tromsö desde o seu regresso de Spitzberg. Não consegui convencê-la a vir viver aqui comigo. Uma menina tão bela! Não conheço a razão que a faz ficar nessa cidade. Ela nunca quis falar-me nisso. Se pretender falar com ela creio que só em Tromsö a poderá encontrar. Se preferir escrever-lhe, ela trabalha como contabilista no Hotel Market.

Como o próximo barco que ia para o Norte só partia alguns dias mais tarde, pude visitar Fru Brunhilde várias vezes.

Tinha ainda, com efeito, muitas perguntas a fazer-lhe e esta senhora vendo em mim a esperança de trazer de volta a sua sobrinha não hesitava em contar-me com muitos pormenores tudo o que sabia de Frjdis e do pastor e as condições nas quais se tinha realizado a sua ida para o Spitzberg em 1880.

A sucessão de acontecimentos que levara finalmente ao embarque de Hans Mösling e Frjdis começara, contudo, dois anos antes, nos salões do Hotel Saga no qual eu estava agora, por coincidência, instalado.

Peter Weston era um jovem e dinâmico administrador dos negócios, em Trondheim, da Wes-

ton Norway Co. que pertencia a seu pai, um milionário inglês da velha guarda, secundado pelo velho senhor Puddling que trabalhava na Weston havia muitos anos. Peter Weston preferira vir instalar-se (aliás contra a vontade de seu pai) em Trondheim, por achar Southampton demasiado barulhenta e agitada para o seu gosto.

Ele levava uma vida bastante calma, demonstrando-se todas as noites nos salões do hotel em amena conversa com algumas das personalidades da cidade que tinham aí o seu ponto de encontro. Encontravam-se regularmente lá o senhor Leif Erikson, velho capitão reformado mas ainda de perfeita saúde, que conhecia como a palma da sua mão todo o oceano Atlântico, de Hamburgo até Nova Iorque ou da Gronelândia a Tromsö. Tinha sempre uma história para contar e a sua companhia era das mais agradáveis; o senhor Rolf Thorsen, dono dos mais importantes, estabelecimentos de Trondheim; dois outros dos grandes comerciantes da região e ainda algumas outras pessoas sobre as quais não me alongarei visto que não desempenham nenhum papel no desenrolar dos acontecimentos.

## A BAIÁ DA SOLIDÃO

Durante os longos serões do Inverno de 1878, havia um assunto de conversa particularmente caro ao senhor Thorsen. O dono dos estaleiros encaminhava a conversa com os comerciantes para o interesse que haveria em construir barcos com novas formas quando eram destinados aos mares do norte, para a caça das focas. Tais barcos poderiam então passar o Inverno no campo de gelo sem nenhum perigo, duplicando assim o período de caça. O regresso teria lugar somente no ano seguinte e os benefícios seriam os mesmos que teria se tivesse feito duas viagens em condições normais.

Weston não parecia ao princípio muito interessado neste assunto porque a sua companhia de navegação tinha já grandes lucros com as ligações Inglaterra - Escócia - Noruega. Porém, pouco a pouco, foi aderindo às posições de Thorsen de forma que no mês de Abril de 1879 foi assinado um contrato entre eles para a construção de um barco segundo os projectos originaes do senhor Thorsen.

Desde que o barco começou a ser feito no estaleiro, Weston passava a maior parte das longas tardes de Verão a vê-lo crescer e tomar forma.

O projecto interessava-o cada vez mais e a ideia de embarcar nele vinha-lhe regularmente ao espírito. Isso não poria nenhum problema aos negócios pois o senhor Puddling era suficientemente capaz de prosseguir a administração da Weston durante a sua ausência. Foi por uma dessas tardes que Weston conheceu o pastor Hans Mösling e depressa se estabeleceu entre eles uma conversa muito animada no decurso da qual Weston expôs longamente os seus projectos. O pastor convidou então Weston a ir jantar um dia a sua casa, ou melhor, a casa da sua tia Fru Brunhilde que, assegurava ele, «ficaria verdadeiramente encantada em conhecê-lo».

Como previsto, esse jantar teve lugar alguns dias mais tarde e foi nessa ocasião que Weston se encontrou pela primeira vez com a sua futura esposa. Desde sempre Úrsula habitara em casa de sua tia enquanto que o seu primo Hans estava só de passagem por algumas semanas.

Durante o jantar Weston falou dos seus projectos e do avanço dos trabalhos sob o olhar interessado de Úrsula e respondera com prazer a todas as numerosas perguntas que ela lhe tinha feito. A simpatia que os dois jovens se inspira-

vam mutuamente não escapou ao olhar falsamente desinteressado de Fru Brunhilde, a qual viu aí uma feliz solução para casar Úrsula.

O pastor também falou nos seus projectos: tinha vindo a Trondheim a fim de embarcar para o Spitzberg onde contava criar uma missão entre os esquimós. Por várias vezes ouvira caçadores de focas que frequentavam esse arquipélago falar de certos sinais que indicavam claramente que — algures nessas ilhas — havia uma ou várias aldeias de esquimós em particular para lá do estreito de Hinlopen.

— Tenho, naturalmente, o acordo e a ajuda financeira dos meus superiores mas as minhas diligências para encontrar um barco que vá para essas paragens não tiveram ainda êxito! — e o pastor prosseguiu: — Os caçadores de focas preferem a costa oeste e recusam-se a perder o tempo que seria preciso para fazer o desvio até ao estreito de Hinlopen.

Úrsula tomou então a palavra com ar divertido:

— Se o senhor Weston estiver de acordo, porque é que o meu caro primo não espera pela próxima Primavera para partir no seu barco?

O pastor Hans Mösling quis então desculpar a falta de tacto da sua prima mas Weston breve o interrompeu:

— Mas com certeza, é uma excelente ideia! Então, proponho-lhe seriamente que atrase a sua partida de alguns meses. Levá-lo-ei na próxima Primavera. Se encontrarmos os seus amigos esquimós o senhor desembarca, sabendo que no Verão seguinte voltarei para saber notícias suas. Para mim pouco importa perder alguns dias porque de qualquer maneira passarei o Inverno no Spitzberg! — terminou ele sorrindo.

Hans Mösling ficou um pouco embaraçado porque, naturalmente, se por um lado isso modificava os seus projectos, pelo outro representava uma partida em condições de facto exceptionais.

Para Weston, se o pastor aceitasse, ser-lhe-ia então mais fácil voltar a casa de Fru Brunhilde e assim ver Úrsula de novo.

Durante o jantar, ao lado de Fru Brunhilde, uma menina que chegava a custo com o queixo ao bordo da mesa tinha aceite de bom grado a comida que a senhora lhe dava com ternura, sem desconfiar até que ponto esse jantar ia ser deter-

minante para o seu futuro. Esta menina era Frjdis.

Frjdis, então com dois anos, tinha sido recolhida pelo pastor alguns meses antes, em condições bastante dramáticas; este tinha-a encontrado numa das suas rondas de serviço religioso, perdida na neve, transida de frio. Todas as buscas então empreendidas para encontrar os seus pais tinham sido vãs. Tendo-se afeiçoado à menina, Hans tinha-a adoptado.

Peter Weston foi muitas vezes a casa de Fru Brunhilde nos meses que se seguiram e ficava horas a falar com Úrsula. Levou-a várias vezes até ao barco em construção. Contudo nem por um instante imaginavam que esta viagem os ia separar, porque se por um lado Weston pensava poder levar Úrsula, por outro lado Úrsula queria de todo o seu coração partir com Peter.

Anunciaram então o seu noivado e a sua intenção de fazer parte dessa viagem que os dois viviam já apaixonadamente nos seus sonhos de jovens enamorados.

### CAPÍTULO III

## OS JORNAIS TINHAM ANUNCIADO...

Se houve um dia desse ano de 1880 que ficou na memória dos habitantes de Trondheim, foi certamente o dia 22 de Março. Ter-se-ia dito que a Primavera tinha chegado porque não só a temperatura era agradável, mas também porque o céu, desanuviado, deixava os raios de Sol inundar toda a cidade. Havia no ar uma frescura, uma claridade e um doce calor, a tal ponto que as pessoas que iam para o porto experimentavam uma plenitude de sensações como a que se vive quando se vão os últimos dias de Inverno e a Primavera regressa. Nunca uma manhã de domingo tinha sido tão animada. De

## *A BAIÁ DA SOLIDÃO*

todo o lado, as famílias inteiras, bem vestidas com os seus fatos domingueiros bem passados se dirigiam para o porto. De vez em quando, uma caleche puxada por cavalos a trote passava por elas levando, é claro, as famílias mais abastadas. Os jornais tinham anunciado havia já alguns dias e com grande relevo de cabeçalhos, o casamento de Úrsula e Peter Weston que se realizava nesse domingo, ao meio-dia. Não era, no entanto, um casamento normal porque Peter Weston tinha escolhido casar-se a bordo do seu barco, no próprio instante em que este seria lançado à água.

Eis aqui o que atraía para o porto os habitantes de Trondheim nesse domingo de manhã. Tratava-se, com efeito, de um modo de casamento de facto original mas, na ocorrência, bem adaptado à natureza e aos projectos dos noivos.

O barco tinha sido decorado com muitas bandeiras e fitas multicolores. Diante do estaleiro igualmente numerosas embarcações fundeadas nas águas do porto arvoravam numerosas bandeiras de todas as cores. No molhe, ao lado do qual o barco seria amarrado, Weston tinha mandado construir uma espécie de pavi-

lhão de festas onde seria oferecido aos habitantes de Trondheim não só um copo-d'água bem fornecido mas também uma orquestra que iria tocar todo o dia e eventualmente toda a noite.

— Enquanto houver pares — tinha dito Weston —, quero que os músicos toquem.

Cedo, Fru Brunhilde, Úrsula e uma criada chegaram a bordo do barco, porque seria numa das suas cabinas que Úrsula iria aprontar-se para a cerimónia.

Junto do estrado que tinha sido construído para permitir que os convidados subissem a bordo, Fru Brunhilde entreviu Weston que, um pouco mais longe, em companhia do senhor Thorsen, olhava um operário sentado numa espécie de baloiço pintando o A, a última letra do nome do barco, o «Ny Vega» («Nova Vega»). Weston tinha, de facto, à última hora, mandado mudar o nome do barco porque quisera assim homenagear um grande explorador, Nordenskjold que acabava, a bordo do Vega, de ligar, pela primeira vez, a Lapónia e o Alasca passando pelo Oceano Glacial Ártico.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Thorsen achara a ideia excelente e dera ordem de execução no dia anterior, à noite.

Na ponte havia sido instalado um tapete de grandes dimensões e o pastor Hans Mösling fazia também os últimos preparativos para a cerimónia que ia dirigir.

Pelas onze horas, os convidados começaram a chegar. Podiam ver-se na ponte todas as personalidades da cidade, como Leif Erikson a quem Weston tinha pedido para ocupar o posto de capitão na primeira viagem do «Ny Vega».

Os andaimes que se encontravam dos dois lados do «Ny Vega» e que serviam para a construção de outros barcos estavam agora cheios de espectadores, enquanto que no molhe as empregadas preparavam, atarefadas, o copo-d'água e os músicos instalavam os instrumentos.

A cerimónia começou à hora prevista, de modo que os dois «sim» foram pronunciados ao mesmo tempo que o primeiro dos doze tiros de canhão marcava o início do deslize do «Ny Vega».

Quando o décimo segundo tiro ecoou, Peter e Úrsula encontravam-se casados, o «Ny Vega»

baloçava-se nas águas do porto e os sinos da catedral anunciavam a hora do meio-dia.

Enquanto o barco era puxado para o molhe as pessoas precipitavam-se, correndo, para o bufete onde, ao som de uma música em voga, começou a festa.

As semanas seguintes foram consagradas às obras de acabamento, às últimas verificações, à escolha da tripulação, tarefa na qual o capitão Erikson punha um cuidado muito especial. Eram precisos marinheiros honestos e competentes porque a presença de Úrsula podia, em espíritos primários, levantar problemas a toda a gente. O pastor também decidira levar Frjdis com ele porque — e nesse ponto ele tinha razão — havia sido ele a adoptá-la. Tinha por isso a obrigação de tomar conta dela. A presença de Úrsula a bordo era também um elemento importante no caso de ele não encontrar esquimós e ter de passar o Inverno a bordo do «Ny Vega». Se desembarcasse não havia nenhuma razão para que Frjdis se não pudesse adaptar num lugar onde outras crianças viviam também, tanto mais que tudo tinha sido previsto para aí tornar a vida confortável e agradável.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Fru Brunhilde tivera muita dificuldade em aceitar essa ideia e até ao último minuto tentou fazer mudar de ideias o seu sobrinho e, diga-se de passagem, sem resultado algum.

Quando o «Ny Vega» levantou âncora, em fins de Abril, Fru Brunhilde que viera, naturalmente, até ao porto, notou que a pequenina Frjdis não tirava os olhos dela enquanto que, com as mãos, fazia sinais de adeus.

As pessoas que tinham vindo nesse dia ver partir o «Ny Vega» não notaram esse pequeno pormenor, no entanto, Fru Brunhilde tinha-o ainda bem na memória quando me contou todos estes acontecimentos.

## CAPÍTULO IV

### **APESAR DA TEMPESTADE, PROSSEGUIAM A ROTA PARA O NORTE**

O «Ny Vega» saiu lentamente do porto e avançou no fiorde que tem o nome da cidade.

Os primeiros dias de navegação foram muito agradáveis porque uma brisa contínua empurrava com vigor e rapidamente o «Ny Vega» para o Norte.

Aproveitaram para arrumar um certo número de coisas que tinham sido embarcadas nos dois últimos dias e cada um tomou propriamente posse do seu domínio.

A bordo encontravam-se onze adultos e a pequena Frjdis: o capitão, um chefe de máquinas, um mestre, um cozinheiro que era também

## A BAÍA DA SOLIDÃO

dispenseiro, quatro marinheiros (que, como todo o resto da tripulação, excepto o capitão, deveriam encarregar-se da caça às focas), Weston que, quando isso fosse necessário, desempenharia as funções de imediato, Úrsula e o pastor Mösling.

O «Ny Vega» era um barco muito bem equipado com a aparelhagem simples e resistente de uma escuna de dois mastros e estava munido de uma máquina a vapor de 200 cavalos que podia assegurar uma velocidade de 6 a 7 milhas por hora.

A principal inovação era a forma do casco, que era muito arredondado, quase sem quilhas mas com um lastro importante no interior. Segundo Thorsen essa forma devia permitir ao «Ny Vega» elevar-se nos gelos quando o campo se formasse, evitando assim o risco de ser partido como uma noz, quando das pressões monstruosas do gelo, bem conhecidas nessas regiões. A proa feita de carvalho estava protegida por um corta-mar de ferro e o porão do barco era atravessado por escoras e arcobotantes, garantindo ao conjunto, uma rigidez a toda a prova.

Os flancos do navio eram também muito resistentes se se tomar em consideração o facto de que o bordo exterior era composto por nada menos que quatro camadas de madeira de carvalho.

O arranjo interior tinha também sido estudado com vista a uma invernagem prolongada. Na frente, em dois níveis, um vasto armazém e o porão que ocupavam cerca de dois terços do barco e que eram destinados, na ida, ao transporte de carvão e de todas as bagagens e víveres e, na volta, ao produto da caça.

Atrás, debaixo do *roof*, igualmente em dois níveis dispostos à volta da chaminé da cozinha encontravam-se, no andar superior, a cabina do capitão com os mapas, a cabina de Weston e Úrsula e a cabina de Mösling e Frjdis. Tinha-se aí acesso por dois corredores que davam para a ponte e que serviam de primeira protecção ao frio. No andar inferior, uma grande divisão onde dormia o resto da equipagem e estava a cozinha que era também sala de jantar da tripulação. Mas não vamos alongar esta descrição que só interessaria provavelmente uma parte dos leitores. Acrescentarei somente que a sala de

## A BAÍA DA SOLIDÃO

jantar dos oficiais tinha sido provisoriamente arranjada para servir de cabina ao pastor e a Frjdis.

O «Ny Vega» trazia naturalmente todo o carvão necessário para cerca de 50 dias de marcha a vapor e para o aquecimento durante a invernação.

Do mesmo modo, tinha-se tido o maior cuidado no que respeitava à alimentação porque, nesse domínio, um erro ou uma má escolha poderia ter graves consequências.

Os primeiros dias de navegação foram, como já mencionei, particularmente agradáveis. Poder-se-ia dizer que se tratava de um cruzeiro de turistas como os que se fazem em numerosas partes do Globo.

Para Peter e Úrsula era uma lua-de-mel formidável. Mas, enquanto que o jovem casal tinha tendência para ficar na sua cabina, o pastor e Frjdis vinham com frequência até à ponte para olhar o mar ou simplesmente para passear um pouco. A tripulação, que não tinha então muito que fazer, gostava de brincar com Frjdis. Era um espectáculo cómico ver esses homens que

a vida árdua do mar tinha endurecido, imitarem um macaco ou um coelho sob o olhar divertido de Frjdis que batia palmas e lhes fazia grandes sorrisos.

Mas à noite, quando Frjdis já estava deitada, Úrsula, Weston e o pastor bem como o capitão, instalavam-se na cabina deste e passavam horas inteiras a conversar agradavelmente.

Por volta do décimo dia de navegação, o tempo piorou e nuvens bastante escuras apareceram no horizonte. À noite, o nevoeiro e alguma chuva anunciaram a proximidade do gelo que eles encontraram, de facto, no dia seguinte.

Era gelo velho, do Inverno findo.

A temperatura do ar tinha baixado consideravelmente desde o dia anterior. Ao pastor pareceu-lhe ver um ar mais sombrio no rosto do capitão e quando este se encontrava na amurada perguntou-lhe:

— Acha que o tempo vai manter-se assim por muitos dias?

O capitão, com um vago aceno de cabeça afirmativo, continuando a olhar o mar, disse-lhe:

## A BAÍA DA SOLIDÃO

— Infelizmente creio que sim. Creio até que vamos ter uma tempestade a sério.

De facto, o mar começou a embravecer nas horas que se seguiram, enquanto que o vento de nordeste soprava com uma intensidade redobrada.

Weston tinha agora que permanecer ao lado do capitão porque a navegação ia-se tornando mais difícil. Na varanda da proa um marinheiro vigiava a aproximação dos blocos de gelo flutuantes. As ondas formavam muralhas de água negra e, na cabina, o pastor, Frjdis e Úrsula, que se juntara a eles, sentiam dificuldade em segurar-se para evitar serem projectados contra as divisórias. Apesar da tempestade, prosseguiam a rota para norte e, ao quarto dia, quando ela se acalmou um pouco e o nevoeiro se levantou, pôde então ver-se que o «Ny Vega» navegava no meio de um mar de gelo e, a estibordo, as terras de Spitzberg estavam já à vista.

Em frente deles, o estreito de Hinlopen, onde o pastor pensava encontrar os esquimós.

Se bem que o mar estivesse coberto de gelo, este encontrava-se suficientemente quebrado para

deixar sempre uma passagem que a proa do «Ny Vega» abria com segurança.

— Este gelo terá desaparecido quando, daqui a uma ou duas semanas, dermos meia volta — disse o capitão ao pastor ao ver a atenção com a qual ele seguia as voltas e os desvios que o barco executava para evitar os blocos maiores.

— É lógico — pensou o pastor apesar de nada perceber de navegação nas altas latitudes.

Era lógico porque, com o Verão a aproximar-se a grandes passos, o gelo deveria derreter e permitir aos seus amigos um regresso rápido às regiões de caça.

O «Ny Vega» progrediu com prudência no estreito de Hinlopen, penetrando mais, de hora a hora, para o norte.

Era muito provável que mais nenhum navio tivesse chegado tão longe neste estreito. Dos dois lados da passagem, caíam montanhas a prumo sobre o mar, deixando aqui e além pequenas placas de neve agarradas às falésias. Por vezes, estas montanhas eram substituídas por glaciares de uma grandeza assustadora.

Avançando sempre pelo meio dos blocos de gelo, os viajantes viram abrir-se a bombordo um

## A BAÍA DA SOLIDÃO

fiorde de uma largura considerável e que não figurava nos mapas que o capitão havia trazido.

— No entanto, escolhi os mais modernos — tinha Úrsula ouvido dizer ao capitão, que se dirigia a Weston.

Úrsula aproximou-se e tomou a palavra:

— Talvez seja a prova de que nunca ninguém cá entrou.

O pastor, que também se aproximara, interveio por sua vez:

— É talvez aqui que vou encontrar os esquimós.

O capitão ordenou a manobra e, em breve, o «Ny Vega» entrou no fiorde. Estava-se então no meio do mês de Maio. Teve, para isso, que passar ao lado de uma pequena ilha, ou melhor, de um simples rochedo plantado ali, no mar, e que se encontrava mesmo no meio do fiorde, como que a querer impedir que as pessoas lá penetrassem.

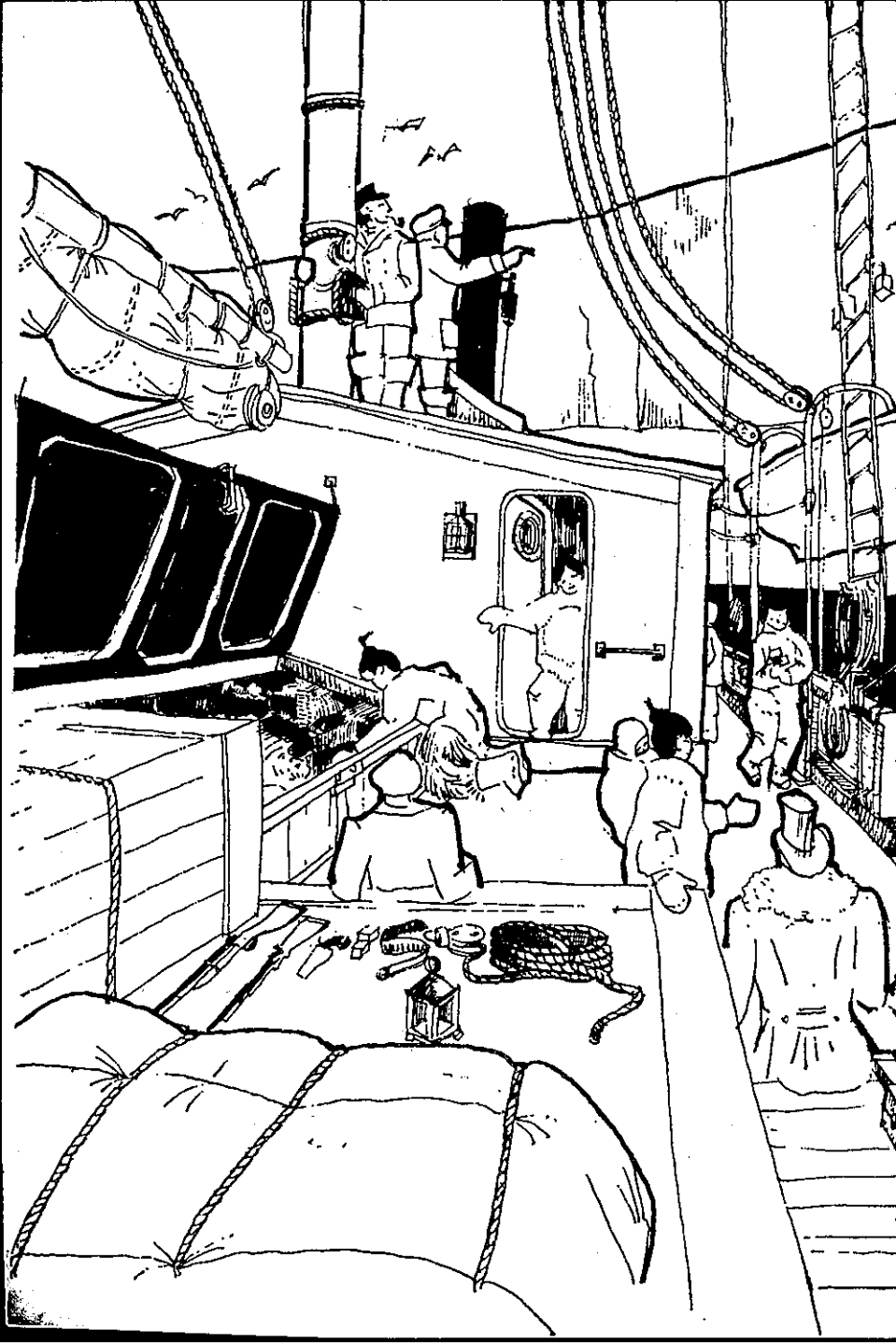
O «Ny Vega» continuou a abrir caminho no meio desse fiorde contornando para isso os blocos de gelo que lhe obstruíam a passagem de ambos os lados. As montanhas enormes que ladeavam o fiorde já não chamavam a atenção dos passa-

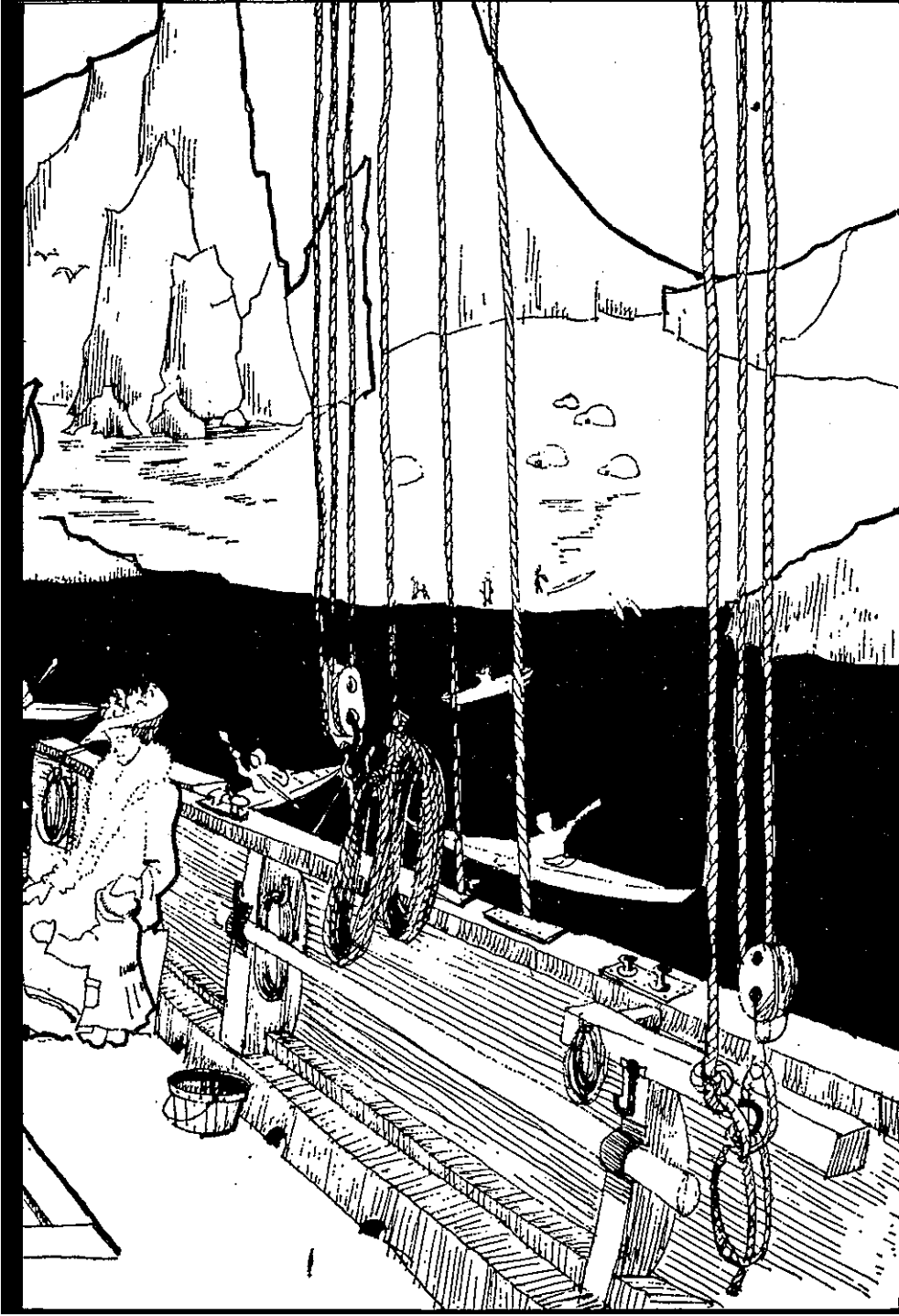
geiros porque, nessas paragens, depressa se fica cansado de as ver, de tal modo a paisagem se repete. Montanhas altíssimas, falésias a pique sobre o mar e ainda montanhas.

A estibordo apareceu em breve um glaciár enorme do qual se desprendiam com certeza a maioria dos blocos de gelo que tornavam a rota difícil ao «Ny Vega». Este glaciár mostrava acima do nível do mar uma parede que, sem exagero, devia ter uma altura de, pelo menos, 100 metros. Logo que o barco deixou esse glaciár para trás, o mar apareceu então mais livre de modo que já não era necessário proceder a todas as manobras que exigiam da tripulação uma atenção e um esforço a toda a prova. Via-se só o que os ingleses chamam o *brashice* e que os franceses poeticamente chamam *cygnes* ou *bourguignons* e que, na realidade, são apenas gelos flutuantes onde o degelo esculpe formas harmoniosas e estranhas. Bruscamente um tripulante que subira ao grande mastro, exclamou:

— Capitão, capitão! A estibordo! Vejo um homem ao fundo das montanhas.

Naturalmente toda a gente se precipitou para a amurada de estibordo e, enquanto o capitão





## A BAÍA DA SOLIDÃO

escrutava a zona com a luneta, o pastor, que não escondia o seu nervosismo, segurou-o pela manga do casaco e perguntou impaciente, como uma criança:

— Está a vê-lo? Está a vê-lo?

Apesar de o capitão nada poder ver, a tensão a bordo não diminuía. Pelo contrário, este falso alerta tinha feito redobrar a atenção com que toda a gente olhava nessa direcção.

Alguns minutos depois, o mesmo marinheiro exclamou de novo:

— Capitão, capitão! Há gente no fundo da baía. Vejo uma dezena de pessoas.

De facto, o «Ny Vega» acabava de chegar em frente de uma baía que tinha uma abertura de, pelo menos, 200 metros de largura e no fundo da qual se via uma espécie de anfiteatro, onde se podiam nitidamente distinguir pessoas no vai-vém das tarefas quotidianas. O «Ny Vega» virou a 90 graus para enfrentar a entrada da baía e parou nessa posição.

Todos subiram então para a varanda da proa e contemplaram, em silêncio, esses pequenos pontos negros que se deslocavam, ao longe.

O pastor tinha Frjdis ao colo e apontava com o dedo os esquimós no fundo da enseada.

— Afinal sempre encontrou os seus esquimós! — lançou Weston em direcção ao pastor. — Vai ter com que se ocupar nos anos vindouros.

— Penso que sim, penso que sim — respondeu este sem tirar a vista do fundo da enseada.

Úrsula, que ouvia a conversa entre o marido e o pastor, aproximou-se então e disse por sua vez:

— Eu, se por um lado acredito que vai ter muito trabalho nesta sua nova missão, também creio que se tivesse que permanecer aí por muito tempo não poderia evitar sentir uma grande solidão.

— É verdade. Concordo plenamente consigo. Tem-se, realmente, um sentimento de solidão. É impossível evitar senti-la! — respondeu o pastor.

— Se tivesse de dar um nome a esta baía — disse então Úrsula —, seria...

— Seria como? — interrompeu Weston.

— Pois, seria a Baía da Solidão.

— Sim. Porque não? — disse o pastor. —

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Além disso é verdade. — E dirigindo-se então ao capitão que escutava a conversa:

— Deveria anotar no seu diário de bordo que decidimos chamar a esta baía «Baía da Solidão».

— Não deixarei de o fazer — respondeu o capitão —, e assim que regressarmos à Noruega pedirei autorização à Sociedade Real de Geografia. — Depois, mudando de tom e com um ar visivelmente preocupado, ordenou:

— Tenha a máquina pronta para partir.

O chefe de máquinas tinha recebido, havia já duas largas horas, a ordem de aquecer a caldeira.

— Certo, capitão, pela minha parte está tudo pronto — respondeu o mecânico através da escotilha de vidro da sala das máquinas que se encontrava aberta.

O capitão já explicara esta medida. Era preciso estar pronto para partir a qualquer momento, no caso de os esquimós se mostrarem agressivos, ao que o pastor tinha logo acrescentado:

— Seria na verdade a primeira vez que tal

aconteceria porque, se há pessoas hospitaleiras neste mundo, são os esquimós.

Da chaminé do «Ny Vega» saía agora um fumo negro e espesso que mostrava bem que o barco poderia partir a toda a velocidade se o capitão desse ordem para tal. E foi, com certeza, esse fumo que chamou a atenção dos esquimós que, até àquele momento, não tinham demonstrado nenhum interesse pelo veleiro. Viram-se então a correr de uma ponta da praia para a outra. Eram, talvez, umas trinta pessoas e, alguns instantes depois, uma parte dos autóctones subiu para os seus pequenos barcos e, remando energicamente, tomou a direcção do veleiro.

O capitão, com o óculo, examinava cuidadosamente todos os barcos para ver se os esquimós vinham armados. Para maior segurança tinha mandado distribuir à tripulação carabinas e ele próprio tinha um revólver pronto a ser utilizado. O pastor, esse, recusara a arma que o mestre lhe estendia.

— É perfeitamente inútil; não quero essa arma, e seria bem melhor arrecadá-las todas antes que alguém se fira. — No entanto, agora que via

## A BAIÁ DA SOLIDÃO

essa multidão de barcos aproximar-se, rezava a Deus para que tudo corresse bem.

Quando, enfim, o capitão viu que os esquimós vinham sem armas pareceu aliviado.

Weston, em particular, estava satisfeito com a notícia pois não queria de modo algum que a sua viagem de núpcias fosse marcada por uma mancha que os esquimós poderiam ter provocado ao querer atacar gente mais forte que eles.

Em breve, o «Ny Vega» foi rodeado de uns vinte *kayaks* e os primeiros esquimós treparam a bordo.

O pastor, que se tinha preparado longamente com vista à criação desta missão, conhecia os rudimentos de vários dialectos da língua esquimó e pôde em breve fazer-se entender, se bem que estes não lhe concedessem senão uma leve atenção, preferindo ir e vir na ponte, mexer em tudo ou então inclinar-se sobre a escotilha da casa das máquinas onde o chefe mecânico, com o rosto e as mãos cobertos de negro, lhes fazia gestos amigáveis. Entre os esquimós podia ver-se um certo número de mulheres que não se mostravam menos curiosas que os homens.

Uma delas aproximou-se então de Úrsula, que

tinha Frjdis ao colo (esta parecia, aliás, muito divertida com esta movimentação toda) e pediu por gestos para pegar na pequena. Úrsula lançou um rápido olhar interrogador a Weston e depois ao pastor que então reteve visivelmente a respiração.

Num instante, a criança encontrou-se nos braços da esquimó que, com um sorriso, lhe estendeu o seio. E qual não foi o espanto dos presentes quando Frjdis o aceitou com um prazer evidente.

Fora, pois, preciso vir tão longe, a estas terras selvagens, para a criança reencontrar o calor de uma mãe, na pessoa desta mulher pequena e rechonchuda. O pastor não pôde então impedir que lágrimas de uma reconfortante emoção lhe lavassem o rosto.

No dia seguinte começaram a descarregar os haveres que o pastor trouxera para montar a missão, operação que se desenrolou sem incidentes já que, entretanto, o «Ny Vega» tinha vindo ancorar perto da margem. Terminadas estas operações, o capitão, Weston e sua mulher, assim como o pastor e Frjdis reuniram-se para almoçarem juntos pela última vez. a bordo do «Ny Vega».

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Todos estavam confiantes no futuro da nova missão, não só porque os esquimós se tinham mostrado muito amistosos mas também porque o lugar onde se encontrava a aldeia apresentava uma situação geográfica bastante excepcional. No fim do almoço, o pastor e Frijdis subiram a bordo de um pequeno barco, propriedade da futura missão e depois de ter agradecido de novo a Weston, a Úrsula e ao capitão as provas de amizade que estes lhe tinham manifestado, Mösling remou em direcção à terra.

— Largar as amarras — tinham ainda ouvido o capitão gritar à tripulação.

Da costa, ambos acenaram com as mãos e viram o «Ny Vega» afastar-se lentamente e sair da baía, deixando para trás uma nuvem de fumo negro.

Depois de ter virado para bombordo, à saída da enseada, o barco iniciou a viagem de regresso e navegou sem problemas por algum tempo.

Ao aproximar-se do glaciár, o fiorde apresentou-se cada vez mais atravancado pelo gelo e as operações de navegação ocuparam toda a atenção da equipagem. No entanto, quando o barco chegou ao glaciár, um incidente, sem importân-

cia aparente, esteve na origem de uma verdadeira catástrofe.

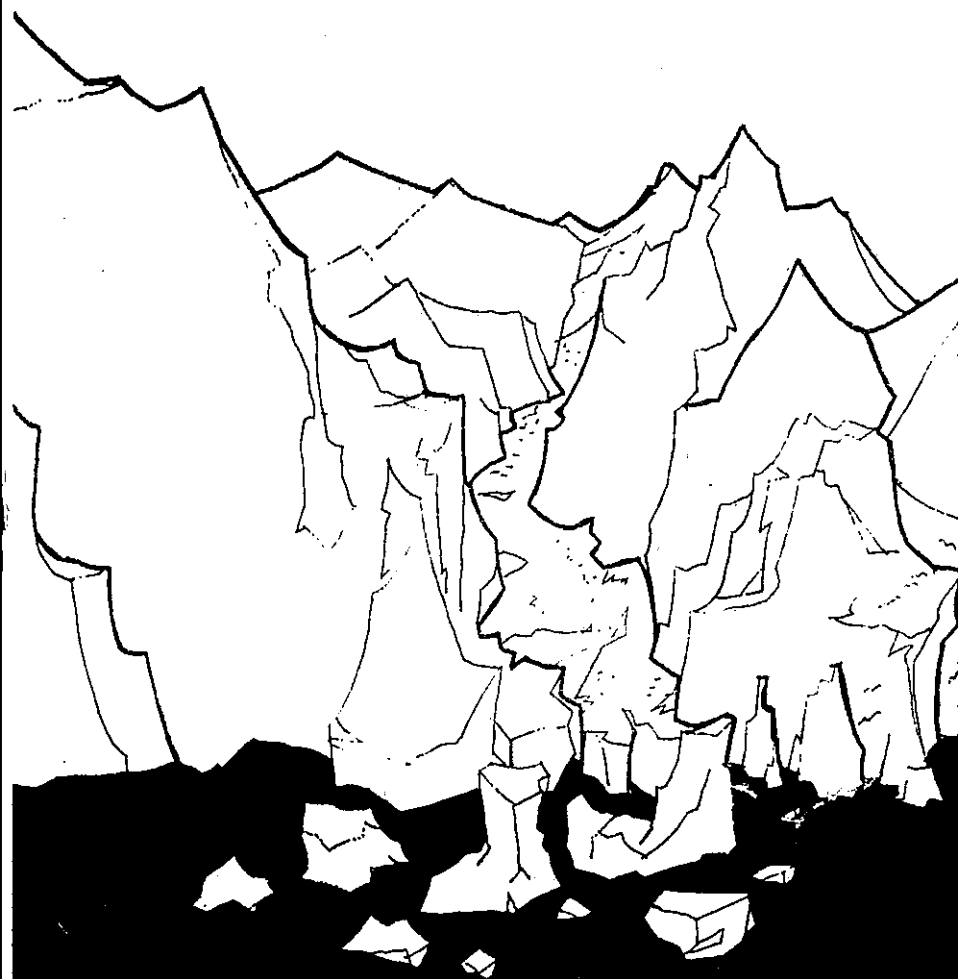
O «Ny Vega» que, até àquele momento, tinha tão bem evitado qualquer choque violento com os blocos de gelo veio literalmente pousar sobre uma parte lisa imersa de um desses blocos de gelo que o capitão tinha perfeitamente ordenado para contornar.

Ouviu-se o barulho enorme que o casco emitiu no momento em que embateu na parte imersa do icebergue.

A bordo houve, naturalmente, um instante de pânico mas o capitão depressa recuperou a calma porque compreendera o que acabava de acontecer.

Depois das verificações elementares em tais condições, o capitão mandou descarregar uma parte da carga mais pesada e ordenou que toda a equipagem passasse para o gelo.

A bordo do «Ny Vega» só se encontravam Úrsula e Weston que um leve mal-estar tinha retido na cabina. O mar estava perfeitamente calmo e a operação ter-se-ia desenrolado normalmente e com êxito se um icebergue não se tivesse bruscamente separado do glaciár provocando





## A BAÍA DA SOLIDÃO

uma onda enorme que, em breves segundos, ergueu o barco da sua espécie de leito de gelo.

Depois, como em plano inclinado, o «Ny Vega» escorregou sobre o gelo e desapareceu na profundidade do fiorde.

O destino quis que só um dos marinheiros ficasse com vida.

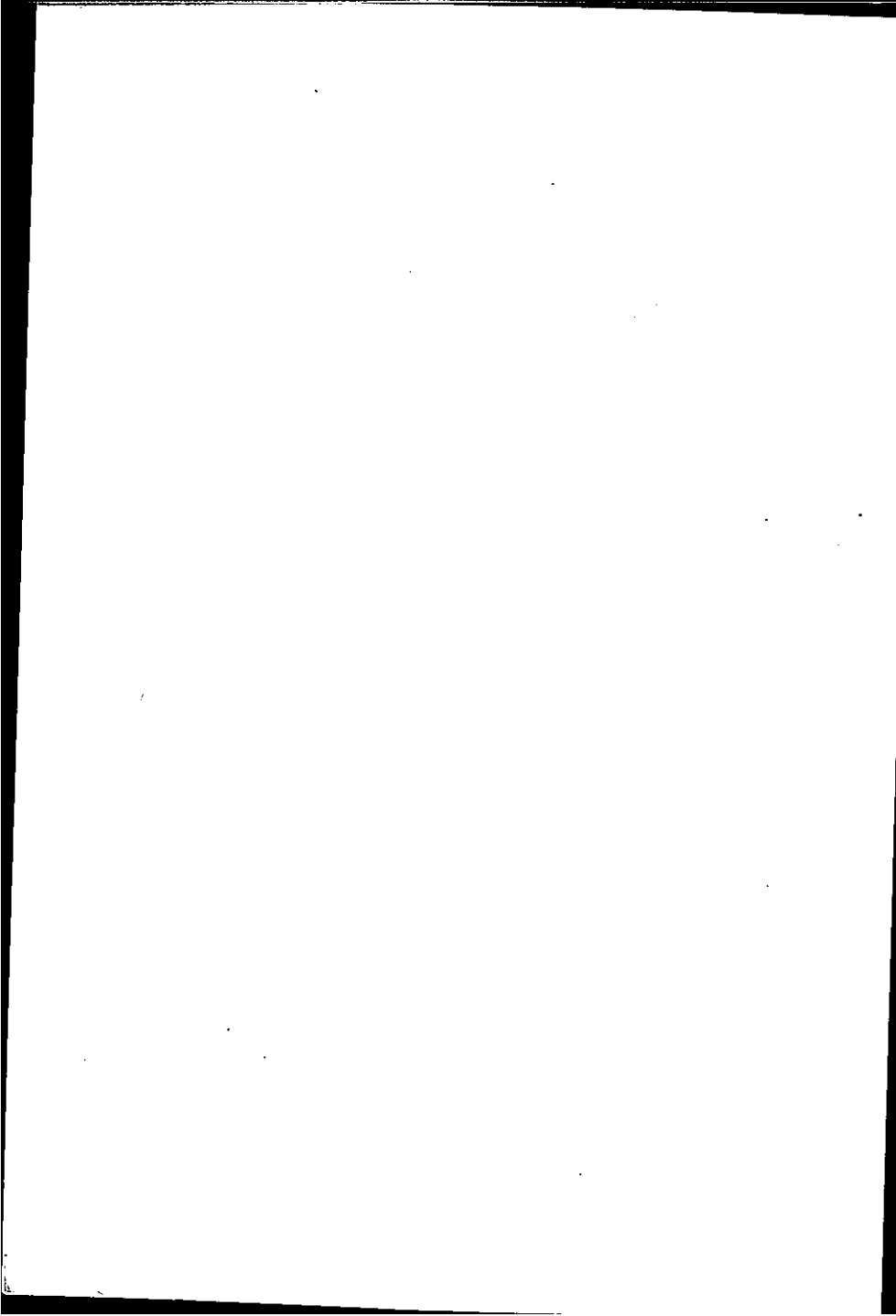
Agarrado ao bloco de gelo onde se tinham descarregado uma parte dos haveres que o «Ny Vega» transportava, deixou-se ir à deriva até ao oceano onde chegou no fim do Verão sem nunca ter conseguido alcançar a terra firme por onde certamente teria podido voltar ao local onde deixara o pastor e Frjdis.

Graças aos vários caixotes de mantimentos descarregados no gelo teve com que se alimentar durante os três meses seguintes e ser, finalmente, recolhido por um dos últimos barcos de pesca a deixar essas águas.

De regresso à Noruega levou a triste notícia a Fru Brunhilde. Infelizmente, o marinheiro não pôde situar o local do naufrágio de modo que o pastor e Frjdis ficaram abandonados ao seu destino.

Mr. Puddling continuou, no entanto, a gerir

a Weston Norway Co. até à morte do pai de Weston e, dado que nesse momento não havia herdeiro, quando atingiu a idade da reforma um tribunal decidiu mandar vender a companhia e pôr o dinheiro da venda no Spar Bank de Trondheim, onde este permaneceria durante um certo número de anos. Depois desse prazo, que foi fixado para o mês de Dezembro de 1902, essa fortuna reverteria a favor do Estado se, entretanto, não fosse reclamada por quem de direito.



## CAPÍTULO V

### **TODO ESTE UNIVERSO LHES PERTENCIA MAS, SABEREM-SE PRISIONEIROS...**

No interior do barco Úrsula e Weston tinham sido surpreendidos pelos acontecimentos sem tempo para esboçar um gesto de evasão desta enorme armadilha que o «Ny Vega» constituía.

Encontraram-se, por fim, apertados nos braços um do outro sobre uma das divisórias da cabina que se encontrava, nesse momento, quase na horizontal, tanto o barco se inclinara para a frente nos momentos que tinham precedido o deslize para o fundo do mar. Depois foi o barulho enorme do ar que era expulso do barco e, enfim, a água que em breve inundou a cabina. A pressão da água era então insuportável.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Qual não fora a angústia do jovem casal nesse momento! Perdidamente agarrados um ao outro sentiam quanto o seu fim estava próximo.

No entanto, não era bem assim. Algumas horas depois do naufrágio, ainda nos braços um do outro, lentamente recuperaram os sentidos. Na cabina havia uma desordem incrível e estava tudo encharcado.

Weston levantou-se apoiando-se à parede, de tal modo estava ainda atordoado. Úrsula olhava-o fixamente, com um olhar que classificarei de indescritível, já que é impossível descrever os sentimentos pelos quais se passa em tais momentos.

Ambos foram pelo corredor e subiram para a ponte. Weston chamou o capitão repetidas vezes, mas sem resultado. Um leve nevoeiro impedia que se distinguisse fosse o que fosse para além de 50 ou 60 metros. Úrsula inclinou-se sobre a amurada e chamou Weston.

— Olha, estamos em terra!

Weston pensou então que o barco, por não se sabe que capricho dos deuses, tivesse voltado à superfície e viesse encalhar nesta praia, cer-

tamente do lado oposto ao do glaciár, que ele não podia ver por causa do nevoeiro. Se assim era, decerto iam conseguir, nos dias seguintes, voltar à aldeia onde talvez se encontrassem já os outros membros da tripulação. Só então poderiam considerar-se salvos.

Weston que entretanto estudara a situação do barco tinha, com a ajuda de uma broca, aberto um buraco no fundo do casco para que a água que o enchia até ao meio se pudesse escoar.

Executada esta tarefa tomaram medidas com vista a uma estada de alguns dias no barco, enquanto o nevoeiro não se levantasse.

Não estavam preocupados com eles mas não podiam impedir-se de lamentar a sorte da tripulação:

— Porque é que eu fiz sair esse pobre Erikson do seu tranquilo retiro, no Hotel Saga?

Úrsula reconfortava-o então e tranquilizava-o quanto ao futuro. Mas os dias passaram sem que o nevoeiro se levantasse. Alguns pássaros vinham por vezes pousar perto do barco.

— Devias tentar caçar alguns! — tinha dito Úrsula, não por pensar que a comida pudesse

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

faltar mas porque ter uma actividade deveria animar o marido.

Com indiferença Peter Weston foi à cabina do capitão e pegou numa carabina. Úrsula teve um sorriso encorajador quando o viu chegar à ponte.

Olhou para cima e atirou duas vezes. Talvez se ouvisse o barulho e alguém viesse procurá-los.

Tristes momentos os esperavam e precisamente por causa desses dois tiros de carabina. Uma chuva de bocados de gelo caiu sobre a ponte e nas proximidades. Weston repetiu a operação e outra chuva de gelo caiu de novo com um barulho estranho. Não tardou que ambos se apercebessem que, com toda a evidência, se encontravam no fundo de uma caverna ou no interior de um icebergue ou em qualquer sítio parecido onde tinham sido feitos prisioneiros.

Durante uns minutos o maior pânico dominou estes seres. Úrsula foi a primeira a tentar reflectir sobre a situação; Weston, por sua vez, voltou a si e ambos decidiram, enfim, lutar enquanto pudessem para tentar sair dali.

Organizaram então um preenchimento do tempo com momentos determinados para as

diversas actividades que a sua sobrevivência exigia. Dormir, comer, distraírem-se, explorar as redondezas.

No princípio a exploração da gruta ocupava uma parte considerável do seu dia. Depois, ao longo dos meses, passaram a ficar vários dias longe do barco procurando sempre um sinal ou algo que lhes mostrasse o caminho da salvação.

Aparentemente a gruta media uns 30 quilómetros de comprimento por uma dezena de largura. O solo estava, na sua totalidade, coberto de gelo, excepto no sítio onde o «Ny Vega» viera encalhar. A altura era variável sendo de uma dezenas de metros nos sítios mais baixos e de 150 a 200 nos mais altos. O nevoeiro que Úrsula e Weston pensavam antes que impedia de ver o glaciár não era mais que o resultado de simples fenómenos de evaporação da água, provocados pela diferença de temperatura entre o interior da gruta e a água da laguna.

Havia um grande número de pássaros especialmente em certas zonas da gruta e várias vezes tinham visto ursos brancos afastarem-se no labirinto das formas que o gelo havia construído. Com o tempo, o casal aprendeu a ver

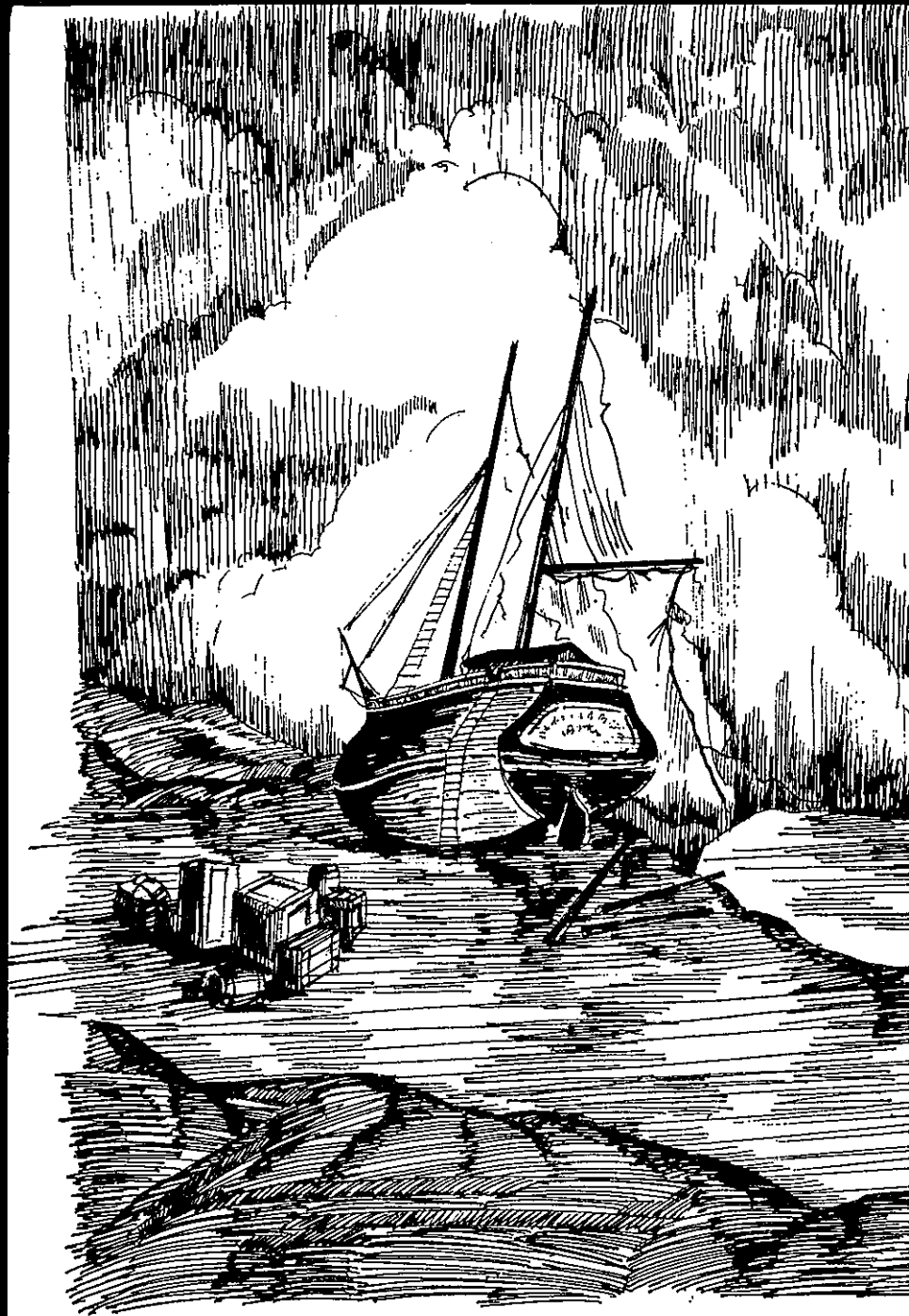
## A BAÍA DA SOLIDÃO

a beleza desse local que, numa outra situação, teria sido um autêntico paraíso. As formas do gelo, as lagunas com fundo de cristal, as cores variadas dos líquenes que em certos sítios formavam um verdadeiro tapete oriental... Todo este universo lhes pertencia mas, saberem-se prisioneiros, a dois passos do pastor Hans Mösling e da pequena Frjdis, saber a inquietação de Fru Brunhilde e do pai de Weston era um peso muito grande para este casal tão duramente marcado. E talvez tivessem sido levados à loucura, mais cedo ou mais tarde, se um novo acontecimento se não tivesse produzido alguns meses depois do naufrágio.

Foi o nascimento do seu primeiro e único filho — Christophe Weston.

Christophe tinha-se tornado naturalmente o centro das suas atenções e nunca uma criança foi criada com tanto afecto. Este afecto, esta ternura, era no entanto uma espécie de desculpa através da qual os pais se penitenciavam de o ter trazido ao mundo em tais condições.

Noutras circunstâncias, num mundo onde houvesse esperança, teria sido natural e também uma coisa boa. Mas ali, no fundo de uma



## A BAÍA DA SOLIDÃO

gruta, condenado a não ver a luz do Sol, e apenas esta espécie de nevoeiro, não!

No entanto, Christophe tinha-se transformado no que, geralmente nos nossos países, se chama um lindo bebé.

A vida retomava lentamente os seus direitos e Weston e Úrsula ganhavam em cada dia mais coragem e novas forças para criar o filho.

Weston teve até durante algumas semanas uma actividade considerável mas profundamente esgotante. Pensava que se o barco tinha vindo até ali, era porque havia provavelmente uma passagem ainda aberta que tinha permitido ao «Ny Vega» lá entrar.

Tomou então a decisão de explorar o mar na proximidade do barco. Devia para isso lutar contra a falta de ar mas também contra a frieza da água. Esta encontrava-se constantemente entre 3 e 5 graus o que, sem ser fatal para quem mergulhava, representava um certo número de riscos.

Coberto por uma camada de gordura que era antes utilizada pelo chefe mecânico, Weston buscava sistematicamente uma saída. Úrsula seguia-o da margem, largando progressivamente

a corda à qual Weston tinha o cuidado de se prender. Depois, quando sentia os dois puxões combinados, alava a corda, ajudando assim Weston a regressar mais depressa à margem.

Se Weston tinha finalmente abandonado as suas buscas, não era porque já estivesse sem esperança de encontrar uma saída, mas sim porque sentia a necessidade de descansar alguns dias.

— Quando recuperares forças — dizia Úrsula encorajando-o —, voltarás a mergulhar.

E Weston, olhando-a com um sorriso apaziguador:

— Pois, pois, tenho a certeza que, algures, deve haver uma saída. Não chegámos aqui atravessando o gelo!

No dia que se seguiu a esta conversa, Weston pegou na carabina e anunciou à mulher:

— Vou dar uma volta. Se pudesse caçar um urso seria ideal. Sinto que uma peça de caça nos faria muito bem.

Com efeito, só se tinham alimentado até ali com a comida seca e salgada do «Ny Vega», com peixes e alguns pássaros que, aliás, tinham um sabor um tanto repugnante. Nunca pude-

## A BAÍA DA SOLIDÃO

ram lançar mão — se é que assim se pode dizer — a um urso, se bem que os tivessem avisado e até perseguido repetidas vezes.

Haviam passado vinte minutos quando Úrsula ouviu um tiro e, depois, mais dois. Subiu logo ao *roof* do barco, tentando avistar o marido. A sua preocupação desapareceu quando o viu alguns minutos depois aparecer com um ursinho que acabara de abater. Com um grande sorriso anunciou então a Úrsula:

— Também feri a mãe, tenho que lá voltar. Entretanto, prepara este — e correu na direcção oposta.

— Tem cuidado. Os animais feridos são perigosos!

— Sim, sossega, terei cuidado — respondeu-lhe Weston já fora de vista.

Úrsula desceu do *roof* e veio examinar o ursinho que jazia ao lado do barco e depois subiu a bordo, para ir buscar uma faca e alguns utensílios de cozinha que colocou ao lado do ursinho. Tinha visto muita vez os lapões prepararem renas e pensava ser capaz de fazer o mesmo com este animalzinho que parecia não ter mais que umas semanas.

Mais uma vez voltou à sua cabina, pegou no bebé ao colo e instalou-o, confortavelmente, perto de si de modo a poder tomar conta dele enquanto preparava o urso.

Primeiro tinha tirado cuidadosamente a pele que depois colocara no chão, quando um urro atroz ressoou por trás dela, provocando-lhe um sobressalto que a fez cair. Viu então avançar um urso enorme, ferido no pescoço. Recuou um pouco e sentiu, sob o cotovelo, a pele ainda quente do ursinho. Quis gritar mas não conseguiu. O que se seguiu foi tão rápido que só lhe ficou uma lembrança confusa. O urso que o marido tinha ferido e que era, com certeza, a mãe do animal cuja pele se encontrava agora debaixo dela, avançou mais um pouco na sua direcção e depois, bruscamente, voltou-se para o bebé que agarrou com os dentes por um braço. Úrsula atirou-se ao animal no momento em que este levava a criança. Ainda teve tempo de lhe ferrar os dedos no flanco esquerdo e deixou-se arrastar por ele uns trinta metros, gritando desesperadamente:

— Christophe, Christophe!

Nesse momento os pêlos cederam e quando

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

Peter Weston chegou a correr, Úrsula, de joelhos, chorando desesperadamente, mostrou-lhe sem nada dizer ambas as mãos que encerravam nervosamente um punhado de pêlo branco.

Não me alongarei sobre a cena que então teve lugar porque creio que, para isso, seria necessário que eu fosse um ente desprovido dos mais elementares sentimentos ou então que no meu íntimo não houvesse lugar para um mínimo de pudor humano.

Dir-vos-ei apenas que Úrsula e Weston partiram, com certeza, à procura do seu bebé e que, pelo que consegui apurar, nunca mais voltaram ao barco.

## CAPÍTULO VI

### **100, 200, 500 LUGARES E O TRABALHO CONTINUAVA, CONTINUAVA...**

Namina continuava a correr com o bebé que abocanhava pelo braço, atenta para não o ferir. Apesar disso, com os movimentos da corrida, por vezes a maxila fechava-se-lhe mais e, em breve, uma gotinha do sangue do bebé correu-lhe sob a língua. Imediatamente parou e segurou o bebé pelo outro braço e continuou a caminhada que a conduzia junto dos outros membros da colónia plantígrada da gruta. Quando, por fim, chegou perto dos seus companheiros, pôs delicadamente o bebé que chorava de frio e, também, porque os bracinhos lhe doíam por causa das feridas que os dentes de Namina ti-

nham involuntariamente provocado. Aliás, Christophe conservou durante a vida inteira as cicatrizes destas feridas nos dois antebraços.

Cuidadosamente Namina começou então a lamber o bebé porque bem percebia que ele estava cheio de frio. A roupa que a mãe lhe tinha vestido duas horas antes estava reduzida a farrapos porque, durante a fuga, tinha-se rasgado ao prender-se nalgumas saliências do gelo.

A língua potente do animal acabou por arrançar esses farrapos e o bebé ficou como iria ficar no futuro, tão nu como no dia do nascimento. Nabum, um dos ursos mais velhos da colónia, olhava havia uns momentos a actividade que Namina desempenhava para aquecer o bebé.

— *Não é um dos nossos* — disse-lhe com ar sério.

Namina, que não esperava tal reparo, parou um instante e retorquiu-lhe:

— *Estás velho, já não sabes o que vêes ou não vêes. É o meu filho!*

O velho Nabum esperou um pouco, parecendo hesitar como para tomar uma decisão, e depois finalmente virou-lhe as costas e retomou o seu lugar no meio dos outros membros da coló-

nia que tinham acompanhado a breve conversa. Sem terem precisado de grandes explicações tinham compreendido o que acontecera a Namina. Aquilo que para nós não passa de uma expressão do vocabulário — cego de dor — para os ursos é uma pura realidade. Namina não podia por isso ver que o bebé não era o dela mas sim um ser humano. Não foi por vingança que tinha agarrado o filho de Úrsula e de Weston, foi só porque agarrara o único pequeno ser que sentira quente em volta dela, cega perante o espectáculo que se lhe deparava por este ser penoso demais para uma mãe.

De longe, Nabum perguntou ainda:

— *Como é que lhe chamas?*

— *Cristophe.*

Sim, era a única palavra que ouvira da boca de Úrsula quando esta, agarrada à sua pele, se deixara arrastar. «Christophe, Christophe, Christophe», tinha de facto gritado Úrsula com todas as suas forças. Surpreendida pela pergunta Namina acabava de pronunciar, sem o saber, o verdadeiro nome do bebé.

Nos dias que se seguiram Namina tratou do bebé como o teria feito com qualquer ursinho,

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

massajando-o com a língua quando tinha frio, amamentando-o quando tinha fome, servindo-lhe de cama quando queria dormir.

Pode causar admiração a criança ter podido sobreviver em condições tão pouco apropriadas mas, se se pensar bem, deve-se admitir que, já que a colónia não se tinha mostrado agressiva em relação a ele e isto desde a conversa entre Nabum e Namina, no dia do rapto, os cuidados e a alimentação que sua mãe adoptiva lhe dava eram de natureza a não só o manter com vida mas também a fazê-lo crescer de maneira excepcional. Aliás, Christophe sofreu decerto menos de frio e fome durante a sua pequena infância que Frjdis quando esta tinha sido encontrada pelo pastor Mösling, menos de três anos antes, perdida na neve, esfomeada e gelada pelo frio do Inverno.

No entanto, ela também sobrevivera e nunca se saberá durante quantos dias, quantas noites, nesse mísero estado.

A verdade é que Christophe pôde desenvolver-se normalmente nos anos que seguiram o seu rapto e, logo que foi capaz de andar e correr não voltou a ter um só momento de descanso.

Brincava com os outros ursinhos que achavam particularmente engraçado levar a criança às costas e, quando não se dedicava a esse jogo Christophe tinha sempre uma ideia nova: correr sobre uma só «pata», fazer o pino, nadar de costas ou ainda partir conchas com a ajuda de um pedaço de gelo quebrado, para lhes comer o conteúdo.

Christophe era excelente nestas duas últimas actividades. Partir conchas só ele o podia fazer porque tinha dedos suficientemente compridos para segurar a concha numa mão e o gelo na outra. Nadar, porque era a sua brincadeira preferida e porque passava uma grande parte do tempo a mergulhar nas lagunas onde apanhava peixe, conchas e muitos pequenos caranguejos, com os quais se regalava na companhia das outras crianças-urso. Subir às costas dos outros deixou de o fazer desde que um dia este jogo tinha acabado mal. Com efeito atrevera-se a subir às costas de Nabum que, surpreendido, não hesitou em deitá-lo por terra. A criança foi salva por pouco por Namina que se encontrava perto e se interpôs entre Nabum e Christophe que, no chão, meio atordoado, não se apercebia do pe-





## A BAÍA DA SOLIDÃO

rigo que corria. Namina já o tinha prevenido contra isso várias vezes mas a criança quando via passar Nabum com o seu enorme dorso não tinha senão um desejo, subir-lhe para o lombo.

Quando Christophe atingiu a idade da adolescência tornou-se um dos elementos mais activos da colónia porque, pela sua inteligência e capacidades físicas, completava de uma maneira ideal a robustez e prudência dos ursos. E, para vos dar exemplos do que acabo de afirmar, bastará que relate aqui dois acontecimentos.

Já dissemos atrás que Christophe passava uma grande parte do seu tempo na água, o que era aliás muito natural porque, desde pequeno, Namina lhe tinha ensinado a manter-se nela correctamente. Tinha à sua escolha várias lagunas, de formas e profundidades variadas, mas em quase todas essas lagunas tinha sempre receio de ver aparecer um narval, que é o inimigo mais perigoso dos ursos. Já tinha acontecido que esse animal viesse atacar membros da colónia quando se encontravam na água. Só raramente se travava batalha porque o narval deslizava tão suavemente que o urso atacado não reagia senão no momento em que o narval o trespassava

com o seu enorme dente. Com efeito, o narval ou licorne do mar, que atinge por vezes mais de dez pés de comprimento, é uma espécie de mamífero cetáceo temível porque possui um dente incisivo extremamente resistente e aguçado.

Christophe tinha no entanto imaginado a maneira de conseguir matar um desses animais. Só lhe faltava pôr o seu plano, muito simples, aliás, em execução. Dirigiu-se primeiro para uma das lagunas onde se avistavam frequentemente esses animais quando vinham respirar à superfície e aí mergulhou com as precauções elementares. Um enorme narval não tardou a aparecer no fundo da água e Christophe pôs-se então a nadar devagar em direcção a uma parte da laguna em que a água só lhe chegava à cintura. Atrás, prudentemente, o cetáceo seguia-o pronto a lançar-se sobre ele logo que chegasse o momento. Entretanto, Christophe subia para a margem e podia ver o narval imóvel que esperava a sua presa. Sem dúvida, se tivesse mergulhado nesse momento diante do animal, teria sido trespassado num abrir e fechar de olhos. Mas a ideia de Christophe era outra. Contornou o narval e, por

## A BAÍA DA SOLIDÃO

trás, avançou passo a passo em direcção ao animal que ele surpreendeu no momento em que, como um relâmpago, se lançou sobre o seu dorso, agarrando-se às barbatanas. Apertou o narval entre as suas pernas e manteve-lhe a cabeça debaixo da água. Várias vezes os safanões que o animal dava para se libertar fizeram perder o equilíbrio a Christophe que então caía à água sem por isso o largar. Esta luta durou bem uma hora mas, finalmente, o animal que Christophe continuava a não deixar respirar começou a perder as forças.

Quando Christophe teve a certeza de ter ganhado este combate, puxou o animal para a margem e pôde enfim ter um pouco de um bem merecido repouso.

Apercebeu-se então que havia já uns bons momentos que era observado por uma parte da colónia que tinha vindo até ali atraída pelos ruídos que a luta havia provocado. Então Christophe pegou num bloco de gelo entre as suas mãos levantou-o acima da cabeça e lançou-o com força sobre o dente do narval, partindo-o em vários sítios. Depois arrastou o corpo do animal e os vários pedaços do dente até à margem da laguna

no sítio em que esta era mais profunda e atirou tudo para o abismo da água. Voltando-se para Nabum disse então:

— *Agora todos os narvais sabem que, se voltarem aqui, terão pela frente um inimigo poderoso que lhes fará lamentar todo o mal que nos fizeram.*

O outro acontecimento que quero contar é muito menos de admirar mas tem, a seu modo, aspectos igualmente positivos. Havia na gruta algumas espécies de aves que faziam ninho nos sítios mais inacessíveis e poucas eram as vezes em que a colónia plantígrada tinha conseguido saborear os seus ovos e mais raras ainda as vezes em que tinham conseguido deitar a pata a uma dessas aves.

Mas Christophe, que compreendera que os bocados de gelo nas suas mãos podiam ter resultados benéficos, aprendera a atirá-los com tanto jeito que várias vezes por mês tinha de ir, com os companheiros, junto de uma colónia de aves onde então, em poucos minutos, caíam sobre o gelo grande número delas, vítimas da destreza de Christophe a caçá-las com a ajuda dos projecteis que lhes lançava.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Eram então momentos de grande festa para toda a colónia dos plantígrados e, naturalmente, também para Christophe.

Mas deixemos de lado estas pequenas histórias, que só divertirão os mais jovens dos meus leitores, para voltarmos ao fundo do problema. Christophe sabia desde sempre que vivia numa gruta e que algures existia um outro mundo que não tinha limites. Não que Christophe tivesse qualquer intuição desse mundo, mas antes porque na memória dos ursos havia a lembrança de que gerações anteriores tinham vivido noutra sítio e que a gruta não era mais que o resultado de qualquer fenómeno natural. Apesar disso nunca se tinha preocupado em saber como se poderia ir para esse mundo. Esse problema não era, de qualquer modo, de natureza a perturbar um jovem adolescente, de tão ocupado que estava com as actividades e todos os lazeres que mencionei. No entanto, a sua vitória sobre o narval deu-lhe uma segurança completamente nova e pela primeira vez pensou para consigo:

— *Se venci o narval, também posso encontrar o caminho para esse mundo.*

Foi assim que, alguns meses mais tarde, Christophe decidiu procurar esse caminho.

— *Mas por onde começar?* — perguntava a si mesmo. — *Será que esse mundo está debaixo de mim ou por cima da minha cabeça? Ou, então, na região proibida...*

Essa região proibida ver-se-á mais adiante, não é mais que o sítio onde se encontrava o «Ny Vega» e que depois dos acontecimentos que levaram ao rapto de Christophe se tornara, com a unanimidade de toda a colónia, região tabu.

No entanto, um dia, Christophe, que contava então 15 anos, pôs-se a trabalhar e começou a cavar um buraco no gelo. Não era tarefa fácil porque tinha de partir o gelo com a ajuda de outro bocado de gelo. Continuou, no entanto, com obstinação o buraco onde pouco a pouco acabou por desaparecer. Era um trabalho esgotante, porque devia voltar à superfície repetidamente para tirar o gelo que acabava de quebrar. No início ainda conseguia içar-se com as costas num lado do poço e com as pernas no outro. Chegava ao cimo de tal maneira esgotado que, várias vezes voltou a cair no fundo, felizmente para ele sem se magoar. Tinha de encon-

## A BAÍA DA SOLIDÃO

trar uma solução a todo o custo se queria continuar. Já tinha cavado três vezes a sua altura quando um acontecimento feliz veio devolver-lhe a coragem, que começava então a faltar-lhe. O solo de gelo da gruta acabou, deixando aparecer terra, areia onde numerosos restos de plantas e de conchas mostravam claramente a Christophe que estava no caminho certo. Esta descoberta tranquilizou-o tanto que começou então a alargar o buraco, dando-lhe uma forma de cone onde talhou degraus. O trabalho pareceu-lhe muito mais simples à medida que o buraco progredia. Talhava novos degraus, 100, 200, 500 degraus e o trabalho continuava, continuava...

Era um trabalho titânico aquele que Christophe executava!!! Semanas, meses a fio, Christophe voltava regularmente para o seu buraco, dois degraus por dia, três degraus por dia, por vezes mais, mas muitas vezes menos porque a terra destas latitudes, gelada durante séculos, tem a dureza das rochas mais duras. Quando mais um bocado de terra estava cavado, começava a longa ascensão dos degraus e tudo começava... Na beira do buraco já quase não podia distinguir a cabeça dos companheiros que

vinham vê-lo trabalhar. Eles sabiam o que Christophe pretendia, mas não podiam perceber a persistência com que voltava dia após dia para o seu buraco. Era, aliás, uma das grandes diferenças entre eles. Por um lado os ursos e a sua resignação e pelo outro Christophe com a sua insatisfação e persistência nas acções. Não se poderá calcular quantas vezes ele subiu e desceu esses degraus mas, sem dúvida, se alguém pudesse ir agora ver essa cratera enorme deveria admitir que, pelo esforço humano que representa, se assemelha às pirâmides do Egipto ou até à muralha da China.

Há, no entanto, um limite para o esforço humano perante o qual até alguém como Christophe tem de se inclinar um dia ou outro. A esperança de ver um dia desaparecer sob os pés esse mundo do além dissipava-se progressivamente e Christophe teve de admitir que não ganharia nada em continuar a cavar o seu buraco.

Se tinha passado praticamente todo o seu décimo quinto ano no fundo desse buraco, passou o décimo sexto a trepar às paredes de gelo da gruta olhando, inspeccionando, buscando sempre essa saída.

## A BAIÁ DA SOLIDÃO

Sim, acabara por admitir que se tinha enganado e que a esperança de salvação só podia vir de cima. Foram então os dias mais sombrios que ele jamais vivera nessa gruta. Tanto tempo perdido! Tantos degraus subidos! Tantos esforços!

Começou então, penosamente, a abrir um túnel numa parede da gruta, do mesmo modo que tinha já realizado o buraco.

Algumas tarefas eram, no entanto, mais fáceis como por exemplo o transporte do gelo quebrado. Bastava deixá-lo escorregar para que ele viesse cair à entrada do túnel. No início tinha pensado evitar o trabalho de talhar degraus, porque só o facto de pensar nisso lhe provocava náuseas. Mas, uma vez mais foi obrigado a obter uma vitória sobre si próprio e retomou, desde o início do túnel, o trabalho de fazer 100, 200, 500 degraus e por aí fora.

Esse túnel tornara-se, ao longo dos meses, uma obra considerável. Para evitar ter que descer todos os dias para se alimentar, Christophe abriu então espaços laterais para onde transportava alimentos para algumas semanas e onde se recolhia para dormir. Já só raramente via os

outros membros da colónia, continuando sempre o seu trabalho, indo cada dia mais longe.

Felizmente para ele, nunca chegou a encontrar a saída porque teria sem sombra de dúvida provocado uma catástrofe. A água do fiorde teria então afluído pelo túnel, acabando por inundar a gruta toda e provocando desse modo a morte de todos os seres vivos que lá se encontravam.

Como no buraco do ano anterior, teve que resignar-se e admitir mais uma vez que se encontrava longe da salvação. Mas desta vez não se deixou abater como da primeira, porque já há vários meses tinha uma ideia na mente. Recusara, no entanto, até ali, pô-la em prática porque toda a vida lhe tinham feito acreditar nessa região tabu da qual era proibido aproximar-se.

Pela última vez, Christophe desceu os degraus do seu túnel e, decidido a tudo, avançou em direcção a essa região. Região proibida, região misteriosa que um nevoeiro espesso anunciava de longe.

Naturalmente, pouco tempo depois, Christophe encontrou-se frente ao «Ny Vega».

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

Prudentemente, aproximou-se dessa forma completamente nova para ele. Perto do barco ficou assustado por um instante, quando viu a pele do ursinho que se encontrava no mesmo sítio em que, 17 anos antes, Úrsula a tinha pou-sado. Mas, com a coragem que lhe conhecemos, subiu a bordo e começou a inspeccionar todos os objectos, todos os recantos até ao mais ín-fimo detalhe.

Que universo de coisas novas para Chris-tophe! Passou ali semanas a ver tudo, a tocar em tudo. Uma vez a primeira caixa de Pemmi-can aberta, até o tempo que ele deveria ter passado em busca da alimentação, passava-o na exploração do barco, contandó com as reservas de víveres consideráveis que, graças aos cuida-dos que se tinham tomado a empacotá-los, se encontravam ainda em perfeito estado de con-servação.

Tinha cem vezes percorrido o barco, do po-rão até à cabina do capitão Leif Erikson, do poço da hélice à coberta da proa, mas escolhera para ele um único sítio onde vinha dormir ou simplesmente observar, em pormenor, qualquer objecto acabado de descobrir. Este sítio, por uma

estranha coincidência, era nem mais nem menos a cabina de Úrsula e Weston, a cabina de seus pais, aquela onde ele havia nascido. Aí, estendido no beliche, descansava sossegadamente, confiante na descoberta próxima de uma passagem para esse mundo que já podia entrever com a ajuda das imagens de uma edição de 1867 de um dicionário ilustrado. Pudera facilmente comparar um certo número desses pequenos desenhos que ilustravam o dicionário com coisas que ele via ou conhecia. Assim, arrancou a estampa dos plantígrafos, a dos peixes e a dos pássaros para pô-las em lugar de destaque, em cima da cómoda da cabina. Durante alguns dias tentou até reunir num mesmo lugar os objectos da mesma estampa. Por exemplo, nos diversos recantos do barco conseguiu reunir facas: de trinchar, de mesa, de cozinha, de descascar, de talho, de virolas e depois, por sua própria iniciativa, tinha acrescentado um machado de cortar gelo, um corta-papel e uma espátula; ou então recipientes: tachos, garrafas, frascos, etc.

Sem êxito, buscara longamente pelo barco todo, até nas mais pequenas gavetas da escrita-

## *A BAIÁ DA SOLIDÃO*

ninha da cabina do capitão: um contrabaixo, uma buzina de caça e um clarim que estavam representados na estampa dos instrumentos de sopro!

Christophe não se deixou no entanto levar por estas espécies de jogos, porque não tinha esquecido o seu objectivo. Retomou, pois, a exploração nas proximidades do barco. Logo no primeiro mergulho, por trás do barco, tinha ficado surpreendido pelo gosto estranho da água. Era natural que a água salgada lhe provocasse essa sensação porque, em todo o resto da gruta, ela era doce. Esse pequeno incidente levou-o, no entanto, a encarar com cuidado a exploração desta lagoa, com a mesma perseverança que o tinha levado a fazer o buraco e a chaminé. Sem o saber, retomava a tarefa que o seu pai tentara realizar muitos anos antes, sem ter podido, como se sabe, levá-la a cabo.

Tendo a possibilidade de ficar debaixo de água muito mais tempo que seu pai, Christophe conseguiu, por fim, descobrir no fundo da água uma passagem de dimensões consideráveis onde penetrou com decisão. No fim dessa passagem a água adquiria uma clareza admirável e Chris-

tophe, olhando para cima, compreendeu que acabara de descobrir a saída. A coragem faltou-lhe pela primeira vez na vida e, depois de uma longa hesitação, nadou de volta à gruta.

Logo que se encontrou na margem, subiu para o barco e foi refugiar-se na cabina que, como já disse, adoptara como domicílio. Não compreendia a sua própria reacção, para a qual não conseguia explicação. Como, depois de tantos esforços, depois de tantos meses e anos levados a procurar esta passagem, depois de ter ousado infringir a proibição que o impedia de vir para esta zona tabu, podia ele fraquejar dessa maneira? Nos dias seguintes, na margem, sentado no rolo de corda que seu pai ali deixara para sempre, Christophe levou muito tempo a decidir-se mas, finalmente, depois de ir uma última vez dar uma vista de olhos pela cabina dele, mergulhou na laguna e, alguns instantes depois, começou a sua ascensão.



## CAPÍTULO VII

### **O INVERNO APROXIMAVA-SE DO FIM NESSAS TERRAS**

Christophe decidira-se, finalmente, a transpor o espaço que o separava da superfície. Alguns movimentos do corpo tinham-no impulsinado violentamente para esse mundo que tão duramente procurara, esse mundo que tinha, durante tanto tempo, sido o objecto das suas preocupações... Um espaço de água livre entre placas do manto de gelo que cobria o fiorde foi a porta de entrada no mundo dos humanos.

O Inverno aproximava-se do fim nessas terras e alguns pequenos gansos já tinham feito a sua aparição no céu anunciando a chegada da Primavera e do degelo.

Depois de ter bruscamente emergido da água, Christophe subiu para cima do gelo e pôs-se a olhar em redor. Via formas completamente desconhecidas, montanhas negras e brancas... o glaciár... o fiorde de gelo e sobretudo o céu — esse espaço enorme, essa luminosidade — e o Sol que o cegava. Se era assim o mundo em que os antepassados da colónia dos plantígrados tinham vivido em tempos remotos, não sentia pena por ter consagrado tanto tempo da sua vida à sua procura. De pé, sobre o gelo, o corpo desnudado e perfeito, respirando a plenos pulmões o ar da manhã, fresco e transparente como o cristal mais fino, este ser teria podido inspirar o maior poeta da humanidade que cantaria então a vida, a beleza e a Natureza. Assim de pé, Christophe ficou muito tempo a olhar, a respirar e a amar a natureza que o rodeava. Para lá do sossego e silêncio do fiorde Christophe ouvia, vindo de longe, o ruído das vozes dos esquimós. No seu inconsciente tinha sem dúvida retido a voz dos seus pais, porque soube imediatamente que esse ruído vinha de seres como ele. Guiado por essas vozes, Christophe aproximou-se da direcção de onde elas vinham

até à beira do cabo que marcava a entrada da baía. De lá pôde então ver as pessoas ir e vir e, evitando fazer-se notar, alcançou a margem onde, agachado, atrás de alguns blocos de gelo ficou até ao momento em que, chegada a noite, teve de voltar à sua gruta.

Nos dias seguintes regressou todas as manhãs, para observar a vida dos esquimós. Queria assegurar-se bem de que não haveria nenhum perigo para ele em desvendar a sua presença, porque os arcos e as lanças que os esquimós traziam não lhe inspiravam confiança. Já tinha visto imagens desses objectos que tinha comparado à sua colecção de facas e sabia perfeitamente que eles podiam matar. Então, às escondidas, contentava-se em contemplar a vida da aldeia.

Era uma aldeia composta de um punhado de casas semicobertas de neve e de onde as pessoas entravam e saíam continuamente por um túnel. Aqui e ali, sobre estacas, peles de animais ou peixes secavam ao ar ou serviam simplesmente de suporte aos *kayaks*. Christophe via muitas vezes as pessoas da aldeia partirem de manhã para longe com trenós e cães, para

## A BAÍA DA SOLIDÃO

voltarem à noite carregados de caça, geralmente focas, que as mulheres preparavam perto da entrada das casas. Havia igualmente notado um dia um esquimó que viera sobre o campo de gelo fazer um buraco e depois ficar imóvel olhando para o fundo. Christophe tinha então ido por debaixo da água até à beira do buraco ver o que se passava:

«Talvez ele esteja à procura do meu mundo», pensara, lembrando-se que ele também se tinha encontrado em semelhante situação. Mas logo que se aproximou e o esquimó pensou ver alguém nadar debaixo da água, ouviu gritos bizarros e os passos do esquimó a afastar-se correndo para a margem.

Da beira do buraco onde meteu a cabeça pôde ver que o esquimó tinha deixado ali todas as suas coisas e andava agora às voltas pela margem levantando freneticamente os braços ao céu.

À medida que Christophe compreendia melhor o funcionamento da aldeia aproximava-se progressivamente, em particular durante a noite, até ao dia em que foi espreitar pela janela de uma das casas.

Através da membrana de estômago de foca que servia de vidro, Christophe, de olhos arregalados, ficou então um grande bocado a ver os esquimós dançar ao som de pequenos tambores, enquanto que outros, sentados sobre peles, acompanhavam com movimentos ritmados o desenrolar da dança. Pequenas chamas colocadas em vários cantos da casa lançavam uma luz estranha que realçava as formas dos corpos nus de todas essas pessoas — homens, mulheres e crianças. Naturalmente na sua imaginação todos os acontecimentos e coisas que Christophe tinha visto pela primeira vez não as formulava nos termos que eu acabo de utilizar. Eis um exemplo: as mulheres que ele via pela primeira vez não eram na sua imaginação uma mulher tal como nós concebemos nos nossos países «civilizados» (aliás, há várias teorias acerca disso). Para ele era instintivamente um complemento do seu ser para o qual se sentia naturalmente atraído.

No decurso das suas viagens de observação perto da aldeia, Christophe tinha acabado por ver uma jovem que, diferenciando-se das outras, tinha como ele longos cabelos loiros. A sua

## A BAÍA DA SOLIDÃO

imagem vinha-lhe à ideia com frequência e Christophe já não sabia se essas viagens se destinavam a ir ver a aldeia ou se o que ele vinha procurar não era antes essa mulher. Por várias vezes tinha-se aproximado de uma janela da sua casa e no silêncio da noite tinha observado o seu viver. Essa jovem, como é óbvio, não era senão Frjdis. Em tempos desembarcada neste fiorde ali vivia desde então com o pastor Mösling na casa montada pela tripulação do «Ny Vega» havia já dezassete anos. Tinham conseguido adaptar-se, sem grande dificuldade, à vida nessas regiões.

Havia já vários anos que eram parte integrante da comunidade esquimó, especialmente Frjdis que, para bem dizer, só tinha conhecido esse mundo e não conservava da sua pequena infância na Noruega mais que uma ou outra vaga lembrança. O pastor tentara durante dois anos converter os esquimós ao cristianismo, mas nessas solidões onde a vida é tão dura tinha aos poucos perdido todas as esperanças de chegar a convencê-los.

Foi talvez por isso que pôde continuar a

viver na «Baía da Solidão» pois o *angakok*<sup>1</sup> da aldeia era um ser temível. Aliás, durante os primeiros anos em que o pastor aí vivera o *angakok* tinha-lhes feito uma autêntica guerra.

Ainda hoje o pastor e o *angakok* nunca falavam um com o outro e evitavam cuidadosamente encontrar-se frente a frente. Frjdis, pelo contrário, tinha boas relações com toda a gente e em particular com a sua amiga de infância, Imina.

As vindas de Christophe até às proximidades da aldeia e às vezes mesmo até à aldeia não tinham passado despercebidas, apesar do cuidado que tinha em esconder-se. De facto, os esquimós começaram a ver os rastos que Christophe deixava na neve. No início supunham tratar-se do rasto deixado por um membro da comunidade, aquando de um ataque de histeria ártica, que é um fenómeno bastante frequente nessas terras. A noite ártica, o frio, a presença de uma mitologia considerável, têm por vezes efeitos incontroláveis e imprevisíveis nos esquimós que, durante esses acessos de histeria, po-

---

<sup>1</sup> *Angakok*: chefe espiritual da comunidade.



dem de repente sair de casa e ir a correr para fora onde, se não são imediatamente localizados, acabam geralmente por perder-se e morrer de frio. Mas a frequência com que estes rastos apareciam, trouxeram a dúvida aos espíritos de alguns membros da comunidade e, em particular, ao do *angakok* que passava agora o tempo a examinar os rastos com persistência.

Christophe, esse, não se apercebia de nada e todas as noites e todos os dias voltava para ver a vida da aldeia e, como já foi dito, olhar Frjdis.

Uma noite, precisamente, saiu ela de casa com dois cachorros atrás. Devia estar a brincar com eles porque em breve, entre cabriolas e correrias, tinha-se afastado sobre o campo de gelo.

Christophe, por trás dos blocos de gelo, seguia com o olhar a jovem que, sem disso se aperceber, estava agora a uma centena de metros da margem.

Como estava habituada a viver nestes sítios, o passeio não teria representado nenhum perigo para ela se o vento não começasse a soprar de repente com rajadas violentas. Frjdis estendera-se

## *A BAIÁ DA SOLIDÃO*

logo sobre o gelo por trás de um bloco e esperou pacientemente que o vento acalmasse para então regressar à margem. Sabia perfeitamente que este género de acidentes de clima não duraria mais de que alguns minutos. Mas, angustiada, começou então a ouvir o estalar do campo de gelo que o sol deste início de Primavera tinha profundamente roído e que, sob o efeito do vento que soprava, se estilhaçou em milhares de pequenas placas ou blocos de gelo.

Christophe não tirava os olhos de Frjdis porque a sabia em perigo. No entanto, esboçou um sorriso quando a jovem, acalmado o vento, se pôs em pé no bocado de gelo em que se havia deitado e, com segurança, levando os dois cachorritos debaixo do braço, começou a passar de bloco em bloco em direcção à margem. Mas... um passo mal calculado, um bocado de gelo mais fino do que ela supunha, e Frjdis escorregou e desapareceu nas águas negras do fiorde.

Nesse dia Christophe, pela primeira vez na vida, tomou Frjdis nos braços porque naturalmente pôde, sem dificuldades, trazê-la à superfície e, como um relâmpago, saltando de gelo em gelo, foi pousá-la à entrada de casa. Bateu

duas vezes com violência à porta e foi esconder-se por detrás de um trenó que se encontrava perto. Tinha actuado rapidamente porque sabia que a água na roupa de Frjdis não tardaria a gelar e isso seria fatal para ela. A porta da casa logo se abriu e Imina soltou um grito de horror ao ver a sua amiga naquele estado. O pastor, que a ouvira, veio também ver quem poderia ter batido com tanta violência. Depois de um instante de espanto desceu os dois degraus da porta, pegou em Frjdis nos braços e levou-a para dentro. Voltou depois com um balde na mão que encheu de neve e desapareceu de novo.

Christophe aproximou-se então da janela do quarto e viu com alívio Imina inclinada sobre Frjdis — estendida sobre uma pele — a friccioná-la energicamente com a neve que tirava do balde que tinha vindo encher. Tranquilizado com o tratamento que Imina applicava a Frjdis — e sabe-se que nessas regiões não se pode agir de outra maneira em tais condições — sentia agora um prazer completamente novo ao olhar o corpo despido de Frjdis. Já tinha visto assim mulheres esquimós cada vez que vinha espreitar pelas janelas das casas, mas nunca Frjdis. Tinha sempre

## A BAÍA DA SOLIDÃO

algo vestido, o que no fim de contas era lógico porque o pastor a tinha educado com vista ao seu regresso à Noruega. Esquecendo a prudência que sempre tivera como regra principal quando se aproximava da aldeia, Christophe tinha agora o nariz colado à janela e sentia, ao olhar Frjdis, uma sensação estranha até ali ignorada.

Frjdis recuperava pouco a pouco os sentidos. Ver-se no quarto perturbava-a profundamente porque só se lembrava de ter caído à água.

Murmurou então:

— Como é que eu cheguei aqui?

— Vieste bater à porta.

— Vim bater à porta?

— Sim. Deves ter caído na água com certeza.

Mas tiveste forças para vir até aqui.

Frjdis ergueu-se então sobre os cotovelos.

— Não faças esforços, estás ainda muito fraca — disse-lhe Imina com ternura. — Vais passar para a tua cama e descansar.

— Lembro-me...

— Lembras-te de quê? — perguntou Imina.

— Era belo. Nunca vi ninguém tão belo!

— De quem estás a falar?

Frjdis, os olhos semicerrados, fazia visivelmente um esforço para se lembrar.

— De quem estás a falar? — voltou a perguntar Imina.

— Daquele que me salvou. Tenho uma ideia vaga... Lembro-me de ser tomada nos braços de alguém.

«Minha pobre Frjdis. Ainda estás em estado de choque!» pensou então Imina, ao ajudá-la a subir para a cama.

O pastor entrou no quarto trazendo uma bebida quente e os três ficaram por um momento juntos. Imagina-se o alívio do pastor que esperara por trás da porta com uma grande ansiedade até que Imina lhe dissesse para entrar.

Preferindo deixá-la descansar, depois de a ter beijado na testa, saiu do quarto. Imina ia fazer a mesma coisa quando, bruscamente, Frjdis lhe apontou a janela e exclamou:

— É ele, é ele! Vi-o!

Surpreendido por este brusco movimento Christophe, que estava embevecido encostado à janela, não pôde impedir que Frjdis e Imina, que se voltara também para a janela, o vissem.

— Viste-o, Imina? Viste-o bem?

## A BAÍA DA SOLIDÃO

— Sim, acho que sim, e é belo!

— Como num sonho, e foi ele que me salvou!...

Imina aproximou-se da janela, olhou a escuridão e suspirou:

— Foi-se embora. Já não vejo ninguém.

As duas jovens ficaram mais um pouco juntas e depois a fadiga venceu Frjdis que adormeceu profundamente.

No dia seguinte pela manhã toda a aldeia se encontrava reunida no exterior e os esquimós olhavam com cuidado os rastros deixados por Christophe. Imina, que entretanto lançara a notícia do acidente de Frjdis, encontrava-se entre eles. Várias vezes o grupo de pessoas tinha seguido os rastros da margem à porta da casa do pastor, da porta à janela do lado direito e dessa janela à margem e ainda alguns metros sobre o campo de gelo que se soldara de novo durante a noite. As discussões estavam animadas quando, de repente, a voz do *angakok* ecoou:

— Vão voltar! Vão voltar!

— Quem é que vai voltar? — perguntou-lhe Kuitsok, um dos melhores caçadores da aldeia.

— Vão voltar! Inimigos! Vão atacar-nos como no passado. Vão voltar!

O *angakok* temia, de facto, um ataque de alguma tribo esquimó porque, recorrendo à sua prodigiosa memória, soubera havia já muito tempo por um *angakok* que o soubera também por um outro *angakok* e assim por diante, desde várias gerações, que a sua gente tinha sido atacada por esquimós vindos do mar e isso em tempos muito remotos. Aliás, se tinham vindo instalar-se na «Baía da Solidão», várias gerações antes, tinha sido para fugir a este autêntico flagelo.

Se bem que este povo seja um dos mais hospitaleiros que se podem conhecer é no entanto verdade que se guerreiam entre eles como nós nos nossos países e parece que a finalidade da luta é fazer escravos e apanhar mulheres.

Entre a gente da aldeia, se alguns hesitavam em acreditar no *angakok*, outros levavam-no a sério e ouviam-no com atenção.

— É preciso defendermo-nos, senão matarão toda a gente e levarão as nossas mulheres e as nossas filhas.

A aldeia parecia dividida quanto à possibilidade de um ataque. Nunca tinham sido atacados



por quem quer que fosse. Mas por outro lado, estes rastros existiam, como se alguém tivesse vindo espiar a aldeia.

Nos dias seguintes não apareceram nenhuns novos rastros porque, na realidade, Christophe preferira aguardar algum tempo antes de voltar à aldeia, com medo de ser esperado com hostilidade pelos esquimós.

E talvez todo este assunto tivesse caído no esquecimento se não surgisse um novo incidente alguns dias depois.

Uma manhã, a aldeia foi surpreendida pelos gritos de Kroulik que, a correr, voltava para a aldeia com os seus cães que, em desordem, difficilmente o acompanhavam. Quando alcançou Kuitsok e os outros, excitado demais para falar, mostrava em ambas as mãos os bocados da sua lança partida ao meio. O *angakok* aproximara-se entretanto e ouvia Krulik explicar que, no momento em que ia matar um urso branco, um homem de cabelos loiros agarrara-o pela cintura e atirara-o ao ar. Depois agarrara-lhe a lança para a partir em dois bocados sobre o joelho.

Todos o ouviam em silêncio com os olhos arregalados. E Krulik prosseguiu:

— Depois dirigiu-se para o urso e afagou-lhe o pescoço!

Ouviram-se então vários ah! de admiração.

— E o urso deixou? — perguntou Kuitsok.

— Sim, e ainda pior! O homem subiu para as costas do urso e ambos partiram pelo campo de gelo fora.

Imina e Fjdis, que tinham escutado a história, trocaram entre si olhares de cumplicidade.

Todos começaram a discutir o incidente, enquanto a voz do *angakok* ecoava de novo:

— Vão voltar, vão voltar! — exclamava o *angakok*. Em breve estava rodeado por todos os membros da aldeia que, desta vez, pareciam mais dispostos a acreditar nele. Enunciou então as medidas que se deviam tomar para a defesa, o que foi logo posto em execução: erguer postos de vigia no cimo dos promontórios e aí montar guarda, dia e noite. Depois construir um fortim fora da aldeia.

Enquanto cada um foi executar as novas tarefas, Fjdis tomou o caminho da ponta do promontório, perto do qual tinha sido salva por

Christophe e onde Krulik tivera a sua pequena aventura.

A baía estava agora quase desimpedida de gelo, de modo que Frjdis foi obrigada a abrir caminho entre os rochedos que se encontravam ao nível da água do fiorde.

Quando chegou à extremidade do promontório, sentou-se na beira de uma pedra, uma mão caída agitando suavemente a água, e começou a olhar ao longe. Acabava de tomar a decisão de vir aqui todas as noites na esperança de rever o seu salvador. Tinha pensado dar como desculpa a vontade de participar na vigília, porque combinara já com Imina não revelar nada sobre a origem desses passos, pelo menos por enquanto. No dia seguinte, logo que o Sol desapareceu do outro lado do fiorde, Frjdis retomou o seu posto de vigia e esperou.

Não sabia ao certo porque estava decidida a encontrar-se com o seu salvador que seria certamente alguém muito diferente de todos quantos conhecia. Não era de certeza mau, não só porque a salvara mas também porque salvava os animais.

Christophe logo no dia seguinte notara Frjdis

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

sentada à beira da água e, agora de novo do meio do fiorde, olhava-a havia já um momento.

Frjdis notou primeiro um leve murmurar da água e, olhando melhor, pôde ver com nitidez um redemoinho à superfície. Instintivamente soube adivinhar e seguiu então sem perder de vista por um só instante as pequenas ondas sobre as águas, apesar da penumbra que começava a envolver a baía.

Foram então dias de uma história excepcional. Christophe sentia-se, como se sabe, profundamente atraído por Frjdis mas talvez o seu passado de isolamento o impedisse de se aproximar abertamente dela. Durante várias noites não pôde senão chegar cada vez mais perto da margem, mostrando-se pouco de início para depois se ir deixando tocar ao de leve quando emergia ao lado de Frjdis. Esta, deitada sobre uma pedra, ao nível da água, com os braços estendidos para a frente, tal uma magnífica figura de proa, digna das mais belas caravelas portuguesas, olhava o verdadeiro baile aquático que Christophe involuntariamente executava. Dir-se-ia que Frjdis domesticava pouco a pouco o seu futuro amigo.

Uma manhã, enfim, Christophe emergiu mes-

mo junto de Frjdis, segurou-lhe as mãos e como a sua cabeça chegava mesmo à altura da cabeça de Frjdis, beijaram-se durante o tempo de um suspiro. Vieram então dias de verdadeira Primavera. O Sol desaparecia só algumas horas cada dia e o degelo deixava aparecer os primeiros rebentos.

Os gritos das aves migradoras compunham uma verdadeira sinfonia enquanto que as renas com as suas crias já tinham aparecido nos flancos das montanhas.

Foi então que Frjdis começou a longa educação de Christophe. Primeiro os seus nomes, depois palavras simples como mãos, lábios, água e assim por diante. Quando chegou o Verão, Christophe possuía já um vocabulário suficientemente alargado para ter longas conversas com Frjdis que continuava a justificar-se das suas ausências com o desejo de ir vigiar o horizonte. Sentados ou estendidos entre as rochas no fundo do promontório, aprendiam a conhecer-se e a amar-se. Cada dia Christophe trazia uma prenda diferente para Frjdis: uma concha, uma planta ou morangos aquáticos que ambos comiam então com grande prazer.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

A nudez de Christophe não a chocava porque estava desde sempre habituada a entrar nas casas dos esquimós.

— O teu corpo é belo — tinha-lhe ela dito um dia ao ouvido.

— O teu também. Muito, muito belo — respondera Christophe.

— O meu? Mas como sabes?

— O dia em que te vi pela janela...

Perante tanta franqueza como poderia ela ficar aborrecida com ele? Pelo contrário, sentia-se tranquilizada.

Uma noite, no início do Outono, quando a neve precoce já tinha coberto a aldeia de um manto branco, no fim de uma outra tarde passada com Frjdis, Christophe mergulhou como de costume na água do fiorde para regressar ao «Ny Vega».

Frjdis, de pé, num rochedo, acabava de o perder de vista quando a sua atenção foi atraída por uma dezena de barcos que se deslocavam no fundo do fiorde. Seria que o *angakok* sempre tinha razão?

## CAPÍTULO VIII

### TAMBÉM SEI LUTAR — GRITOU FRJDIS

Os rastros deixados por Christophe na neve quando, no fim do Inverno anterior, vinha espiar a aldeia tinham, ao fim e ao cabo, prestado um serviço inestimável aos esquimós. O *angakok* tinha na altura relacionado estes rastros com os de um possível espião vindo em reconhecimento até à aldeia.

Fora uma estranha coincidência pois o *angakok* acabara finalmente por levar os outros a preocuparem-se com um ataque inimigo e agora que esses barcos avançavam, ameaçadores, no fiorde, pode dizer-se que, se a aldeia estava pronta para os receber, era até certo ponto graças a Christophe.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Fjdis, logo que se convenceu de que se tratava de barcos como os que o *angakok* descrevera a toda a gente por várias vezes, lançou-se a caminho da aldeia para avisar os outros da sua descoberta.

Não teve de o fazer porque a vigilância organizada pelo *angakok* funcionara bem e na aldeia — notou-o logo que chegou — toda a gente estava já em acção.

Alguns carregavam com mantimentos os trenós que as mulheres e as crianças iam levar para o seu esconderijo. Outros levavam para o fortim vários objectos necessários, tais como peles, armas e utensílios de cozinha. Era preciso que tanto as mulheres e as crianças no seu esconderijo como os homens no fortim, estivessem prontos a resistir a um cerco que poderia durar semanas se por acaso conseguissem defender-se com eficácia bastante para desencorajar os inimigos e fazê-los retirar.

— Procurei-te por toda a parte — tinha então dito o pastor a Frjdis quando enfim a viu chegar.

— Vi uma dezena de barcos no fiorde. Acha que nos vão atacar?

O pastor, que nunca demonstrara ser um

adepto dos avisos do *angakok*, reconheceu no entanto:

— É possível! — e, referindo-se ao *angakok*, acrescentou:

— Parece tão convencido do que diz que talvez a tribo já tenha sido atacada há muito tempo e que os seus inimigos de outrora nos localizassem finalmente à beira deste fiorde. Será melhor, por isso, que vás também para as montanhas.

— Eu? Nunca! — exclamou firmemente Frjdis —, fico ao seu lado, também sei lutar.

— É impossível. A tua única possibilidade de escapares a isto é esconderes-te nas montanhas.

— Nem pensar! Fico aqui, não vou para as montanhas.

E ela parecia pronta a lutar, primeiro para ter o direito de ficar e depois para se bater contra os inimigos.

Imina, que acabava de ouvir esta discussão entre Frjdis e o pastor, aproximou-se deles e disse por sua vez:

— Eu também quero ficar. Vou ficar contigo.

E de facto as duas raparigas ficaram na aldeia quando os trenós, fortemente puxados pelos cães,

## A BAÍA DA SOLIDÃO

se afastaram para o interior da região, levando as outras mulheres todas e as crianças.

Então Frjdis e Imina, com a ajuda do velho isqueiro de sílex do pastor, correram a acender em todas as casas as candeias de óleo de foca, enquanto Kuitsok atrelava, bem à vista da margem, alguns cães a um velho trenó, como se alguém tivesse acabado de chegar.

Era preciso fazer com que os atacantes pensassem que a vida na aldeia se desenrolava normalmente e causar-lhes assim uma primeira derrota psicológica.

— Vão deixar-se enganar como arminhos! — dizia Krulik a quem quisesse ouvir.

E Kuitsok exclamou então a rir:

— Tens de nos mostrar qual deles te quebrou a lança!

— Ah! Pois. Esse fica só para mim. Vou fazê-lo engolir a minha nova lança.

A atmosfera geral era de confiança porque toda a gente tinha a esperança de poder resistir aos atacantes: para isso se tinham preparado, sob a orientação do *agakok*, durante todo o Verão.

— Ao fortim! Ao fortim! — ordenou este com

segurança, depois de se ter certificado que tudo estava em ordem para enganar o inimigo.

— Se eu pudesse avistar Chistophe! — murmurou Frjdis ao ouvido de Imina, enquanto se dirigiam para o fortim.

— Achas que poderia ajudar-nos? Como?

— Não sei, mas tenho a certeza de que ele teria uma ideia.

— Já é demasiado tarde agora mas, vais ver, antes que tenhamos tempo de contar os inimigos já eles desapareceram ao ver que nunca poderão entrar no fortim.

Imina tinha razão para estar optimista porque, logo que o *angakok* conseguiu finalmente convencer os outros membros da tribo da necessidade de se defenderem, toda a gente se tinha empenhado na preparação do fortim.

Este encontrava-se situado numa elevação do terreno, levemente atrás da aldeia. Era uma muralha alta, com duas vezes a altura de um homem, construída com a ajuda de costelas de baleia, apanhadas no fundo do fiorde, apertadas umas contra as outras e profundamente enterradas no solo.

Seteiras, judiciosamente abertas, permitiam

## A BAÍA DA SOLIDÃO

a vários esquimós lançar ao mesmo tempo as suas flechas na mesma direcção ou em sentidos diferentes se desejassem. No exterior tinham-se colocado na neve, a toda a volta, ossos pequenos e afiados. E agora que toda a gente se encontrava dentro, salpicava-se com água esta neve.

Ao solidificar-se, a camada de neve transformava-se então num obstáculo temível, cheia de milhares de pontas terrivelmente aceradas. Só um percurso ficava livre no caso de a guarnição do fortim ter de bater em retirada ou fazer uma surtida.

Como armas, dispunham de uma grande quantidade de flechas que, lançadas com arcos potentes, podiam atingir mortalmente um inimigo a uma distância de mais de cem passos, lanças e três carabinas que pertenciam ao pastor mas que, por falta de munições não serviriam senão para fazer estoirar alguns cartuchos vazios que Mösling, sem o fazer de propósito, conservava ainda em casa. Quanto à alimentação, era suficiente para resistir várias semanas a um cerco.

Nesta época do ano, os dias diminuían rapidamente mas a noite nunca era realmente

escura, de modo que nesta espécie de penumbra podiam acompanhar-se do fortim os movimentos dos inimigos.

Estes eram bem mais numerosos do que aquilo que se pensara inicialmente. Por trás da primeira dezena de barcos, chegou em breve uma nova fila composta por outros tantos.

Talvez fossem caçadores de baleias, porque estes são os únicos a saberem manobrar barcos tão grandes sem o mínimo barulho.

Na margem encontravam-se nessa altura uns cinquenta guerreiros. Alguns deles aproximaram-se então prudentemente das casas e lançaram pelos buracos de ventilação uma espécie de feno em chamas que tinham certamente trazido nos barcos pois naquelas paragens não existia esse tipo de vegetação. Postados frente à entrada outros guerreiros esperavam, com as armas aperçadas, prontos a abater as pessoas que, sufocadas pelo fumo, não demorariam a aparecer na extremidade dos túneis. Depressa se aperceberam que tinham caído numa armadilha pois que, sem tardar, uma chuva de flechas veio cair sobre eles provocando numerosas baixas.

Refeitos da surpresa, avançaram então para

o fortim. Abrigados por escudos de osso de baleia, vestiam armaduras de couro velho e muito duro. De tempos a tempos, podia ver-se-lhes a cara terrificante, pintada de negro.

Na linha da frente 3 ou 4 jovens guerreiros, em atitude de clara provocação, avançavam a descoberto, executando piruetas. Atrás deles o grosso dos combatentes saltitava de um lado para o outro, para trás, para a frente, inatingíveis, avançando progressivamente até à primeira defesa constituída pelos ossos espetados na neve gelada, como já descrevemos.

— Se nos apanham vivos — dissera o *angakok* repetidas vezes —, matar-nos-ão.

«Isso seria uma sorte porque, no pior dos casos, farão de nós seus escravos», pensava o pastor no momento em que fez estourar o seu primeiro cartucho. O efeito da surpresa foi total. O inimigo desceu logo a colina a correr mas não por muito tempo pois em breve voltou ao ataque com uma energia renovada.

Já o Sol ia alto e o combate prosseguia ainda com extrema violência.

Frijdis e Imina, que participavam activamente no combate havia várias horas, descansa-

vam agora num dos abrigos que tinham sido previstos para esse efeito.

— Se eu pudesse preveni-lo... — dizia Frjdis de novo a Imina em voz baixa.

— É praticamente impossível! Estamos cercados.

— Se corresse depressa, talvez conseguisse.

Imina, que temia que a amiga fizesse alguma asneira, disse-lhe então:

— Mais tarde irei eu procurá-lo e dir-lhe-ei que vou da tua parte.

Estava de facto decidida a tentar, mais para salvar a amiga que pelos resultados que esperava obter, tão certa estava de ser apanhada.

— Sim. Irás se quizeres, talvez tenhas razão — respondeu então Frjdis com um ar estranho antes de se levantar e voltar à paliçada.

A ideia dela era outra porque, mal pensou ver o caminho um pouco desimpedido, subiu à paliçada, saltou-a e correu como uma flecha para o promontório.

O pastor, ao vê-la no cimo da paliçada, ainda lhe gritou:

— Frjdis, desce imediatamente!

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Mas ela respondeu-lhe no momento em que saltava para fora:

— Volto já.

Ao vê-la desaparecer, o pastor subiu também a paliçada e saltou por sua vez, pondo-se a correr rapidamente sob o olhar admirado dos esqui-mós que os consideravam já mortos.

Frjdis conseguiu chegar ao fundo do promon-tório antes que um guerreiro enorme se lançasse em sua perseguição. Agora, entre os rochedos que ela bem conhecia ganhava terreno em rela-ção ao seu perseguidor. Com uma lança enorme na mão, este avançava mais devagar e tinha o cuidado de ver se ela não se escondera nalgum sítio. De repente, um barulho por trás dele fê-lo voltar-se bruscamente. Tinha o pastor à frente. Inconsciente do perigo que corria, o pastor Mös-ling só pensara em trazer Frjdis de volta para o fortim e agora, de pé, os olhos arregalados, con-tinuava a não se interessar pela sua própria sorte e, como se se tratasse de um simples encontro, afastou o inimigo com a mão direita e prosseguiu o caminho à procura de Frjdis.

Pobre infeliz! Pensar que o espanto do es-qui-mó ia durar mais de alguns instantes! Uma

flecha atirada com precisão veio surpreender o pastor no momento em que se precipitava para atingir o rochedo mais próximo. O esquimó aproximou-se logo, viu-o a sangrar, olhou ainda em direcção ao local onde pensava encontrar Frjdis, e, depois de uma breve hesitação, preferiu voltar para o campo de batalha junto do seu grupo.

Frjdis, que não desconfiava que seu pai adoptivo a tinha seguido, encontrava-se agora bem escondida à beira da água onde ficou à espera de Christophe.

Algum tempo depois, quando começara a nevar, Christophe apareceu finalmente.

Muito perturbada, Frjdis disse-lhe logo:

— Tens de nos ajudar. Todos estão em perigo no fortim. Lutamos já há muito tempo.

Depois de Frjdis ter explicado mais tranquilamente tudo o que acontecia Christophe respondeu-lhe:

— Com certeza que vou ajudá-los. Conheço o modo de pôr em debandada essa gente.

Depois continuou calmamente:

— Por agora não há perigo real. Acho que podem esperar alguns dias, segundo o que me

disseste. Tens por isso de seguir-me, porque tu ficarás em perigo aqui.

Christophe esperava com ansiedade uma resposta de Frjdis.

— Vou contigo? Para o teu barco? Para o teu mundo? Nunca lá poderei sobreviver...

Já pensara descer à gruta mas o perigo era enorme. Agora que um perigo maior a ameaçava se ela ficasse fora do fortim, a situação era bem diferente. Mas não era uma decisão fácil de tomar. Ousar descer ao fundo do mar! Com aquele frio! Christophe, de pé à sua frente, olhava-a fixamente. Até onde podia ir a confiança de Frjdis em relação a ele?

Decidiu-se enfim a tentar a sorte. Christophe tomou-a nos braços e afastou-se saltando sobre os blocos de gelo que cobriam já o fiorde.

Na margem ninguém ligava a estes dois seres que atravessaram a correr toda a largura da Baía da Solidão por cima dos primeiros blocos de gelo do ano.

Fjdis sentia um aperto no coração à ideia de mergulhar nessa água negra e fria do fiorde. Chegados ao sítio onde se encontrava o barco,

Frjdis, depois de se ter despido — pois mergulhar com roupa teria sido uma locura — agarrou-se com ambos os braços ao pescoço de Christophe e cruzou as pernas no corpo dele.

Que exemplo de coragem, o acto de Frjdis! Primeiro concebera esse plano e decidira não deixar Imina correr o perigo. A ideia de que a sua amiga de infância pudesse morrer nessa aventura tinha-lhe causado um estranho arrepio. Pusera então o seu plano em prática enfrentando todos os perigos. Lançara-se perdidamente numa corrida até ao fiorde. E como se não tivesse dado provas suficientes do que o amor pelos outros pode fazer, foi levada ao limite da capacidade humana e teve de aceitar a proposta de Christophe de descer com ele a um mundo novo, um mundo donde ela talvez nunca regressasse.

Encontravam-se frente a frente, tão próximos um do outro que Christophe podia sentir bater o coração de Frjdis.

— Vou levar-te para o meu mundo — disse-lhe docemente —, vais poder ver, com os teus próprios olhos, onde eu vivi tanto tempo. Não tenhas receio. Estarei sempre perto de ti.

## *A BAIÁ DA SOLIDÃO*

Frjdis compreendeu que Christophe queria sossegá-la.

— Bem sei. Não tenho medo de descer contigo.

Depois atirou a cabeça para trás, olhou ainda as montanhas uma última vez e encheu os pulmões de ar.

Então Christophe mergulhou rapidamente nas águas do fiorde, levando Frjdis com ele.

## CAPÍTULO IX

### OLHA COMO ESTA LAGUNA É BELA

Frjdis agarrou-se com força a Christophe e sentiu que descia progressivamente ao fundo do fiorde. Era uma sensação bem estranha. Uma mistura de medo e volúpia, calor e frio, angústia e esperança.

Por duas vezes Christophe pusera a boca sobre a sua e dera-lhe um pouco de ar, desse ar que começava a faltar-lhe atrozmente.

Mas Christophe continuava a nadar, a nadar vigorosamente e não tardou a aparecer à beira da margem onde o «Ny Vega» tinha encalhado.

Intimidada com certeza pela presença de Christophe, encontrava-se agora despida à en-

trada da gruta. Teve então a sensação brusca de um forte calor a invadir-lhe o corpo. Era aliás natural porque ao lado dos 12 graus negativos da superfície, aqui a temperatura situava-se sempre à volta dos 5 graus positivos.

— Podemos continuar... estou pronta.

Christophe ficou um pouco surpreendido mas achou a ideia excelente.

— Bem. Se queres, vamos lá! — Depois, olhando o barco:

— Terás tempo, mais tarde, de vir visitá-lo. Agora temos de ir para o interior da gruta ao encontro daqueles que nos vão ajudar.

O nevoeiro que envolvia a laguna do «Ny Vega» ficou para trás e Frjdis, puxada pela mão de Christophe, caminhava agora rapidamente.

Olhando à sua volta pensava viver um sonho. Todas estas formas diferentes, estas lagunas onde a água tomava os reflexos das algas marinhas ou então dos líquenes multicolores que formavam nalguns sítios verdadeiros tapetes, eram um espectáculo inesquecível. Já caminhavam havia várias horas quando de repente Christophe parou: com um gesto largo mostrava-lhe o bu-

raco que cavara durante o seu décimo sexto ano:

— Aqui tens — dissera simplesmente.

Frjdis não pôde impedir-se de o apertar contra ela e esboçou com a cabeça um gesto de admiração!

— Talvez vejas a minha chaminé. Se tivermos tempo, levo-te até lá.

Do outro lado do buraco algo mexeu então:

— É Nabum! Vais ver Nabum. Vais gostar dele, tenho a certeza.

Alguns instantes mais tarde, o par encontrava-se em frente de Nabum que, com ar desconfiado, olhava Frjdis.

— *É Frjdis, a minha amiga* — dissera Christophe para Nabum. Depois, voltando-se para a jovem:

— Anda. Tens de lhe afagar o pescoço em sinal de amizade!

Frjdis olhou Christophe inquieta mas acabou por se aproximar do urso que, sentado nas patas de trás se deixou acariciar com visível prazer.

Christophe disse-lhe então:

— *Nabum, preciso de ti e de todos os outros. O pai adoptivo de Frjdis encontra-se em perigo, em terra.*

A BAÍA DA SOLIDÃO

— *Em terra?* — interrompeu Nabum.

— *Sim, em terra. A terra de onde vocês vieram há muito tempo.*

— *Queres dizer, meu Christophe, que encontraste, finalmente, o mundo onde os nossos antepassados viveram?*

— *Sim, e se vocês quiserem posso conduzi-los lá imediatamente. Mas...*

A conversa entre Christophe e Nabum prosseguiu por alguns instantes sob o olhar interrogador de Frjdis que, naturalmente, não entendia nada da linguagem deles.

— *Vão ajudar-nos. Anda, vamos buscar os outros.* — *Tinha finalmente dito Christophe a Frjdis.*

— *Vamos voltar em breve para a superfície?* — perguntou Frjdis com uma pontinha de decepção mal contida.

— *Imediatamente não. Vai demorar algum tempo para reunir toda a colónia de plantígrados.*

Tranquilizada, Frjdis sorriu levemente a Christophe, que prosseguiu:

— *Sobe para as costas de Nabum, ele vai*

conduzir-nos mais longe, onde esperamos que todos estejam reunidos.

Nabum esperou que o par tivesse subido para as suas costas e depois partiu num passo vigoroso mas suave.

Frjdis sentia-se deslizar agradavelmente e, com prazer, passava as mãos pela pele de Nabum, enquanto via desfilar a paisagem sempre renovada.

Em breve chegaram ao local onde se encontravam vários outros membros da colónia que tranquilamente se ocupavam em actividades correntes.

Depois dos cumprimentos habituais, se assim se podem chamar, durante os quais Frjdis teve de acariciar o pescoço de cada um dos plantígrados durante alguns instantes, em sinal de confiança, Christophe voltou-se para ela:

— Vamos ficar aqui. Nabum encarregar-se-á de avisar o resto da colónia.

Frjdis mostrava sinais de cansaço porque havia quase duas noites que não dormia.

— Vejo que estás cansada. Queres dormir um pouco?

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Frjdis acenou afirmativamente com a cabeça. O seu cansaço não era só devido à falta de sono. Era também a soma de todos os instantes da sua vida durante as últimas 48 horas. A batalha, a fuga, o mergulho, a vida com os animais, a gruta... Enfim, tudo isso deveria recair sobre ela num momento ou noutro. Então dois plantígrados estenderam-se no chão lado a lado e Christophe explicou:

— Dizem-me que te podes estender por cima deles para dormir. Não se vão mexer.

Era demais, de facto. Como se em toda a vida não tivesse feito outra coisa, estendeu-se devagar, na «cama viva de pele». Talvez sonhasse, porque enquanto se enroscava, Christophe via perfeitamente nos seus lábios um sorriso feliz.

Ficou algum tempo a olhá-la, depois chamou os ursinhos e com eles mergulhou numa laguna para procurar comida.

Já tinham apanhado uma quantidade bastante grande de peixe, de caranguejos, de algas e de morangos aquáticos quando, tão docemente como tinha adormecido, Frjdis acordou. Sentia-se bem. Nunca um sono tinha sido tão repou-sante.

Com os olhos ainda semicerrados viu Christophe sair da água trazendo um enorme caranguejo que colocou ao lado da outra comida já reunida. Vendo-a acordada, disse-lhe:

— Vem. Vou mostrar-te uma coisa. Ainda falta muita «gente».

Frjdis acariciou gentilmente o pescoço dos seus dois «colchões» e pegou na mão que Christophe lhe estendia.

Já tinham caminhado algum tempo quando Christophe lhe mostrou com o dedo:

— Olha esta laguna. Como é bela!

— Parece um diamante!

De facto, o fundo da laguna (que não tinha mais que uns dez metros de diâmetro), estava revestido de cristais que, com o reflexo, davam a esta pequena superfície de água o aspecto de um diamante.

— Vem, vamos mergulhar.

Frjdis passou os braços à volta do pescoço de Christophe, cruzou as pernas no corpo dele e, como da primeira vez, deixou-se levar para a laguna. Sentia-se envolvida em movimentos harmoniosos, respirando o ar da boca de Christophe e ambos sentiam, progressivamente, a vo-

## *A BAIÁ DA SOLIDÃO*

lúpia da carícia da água nos seus corpos desnudados.

De repente, emergiram da água no meio da laguna e vieram depois até à margem onde uma doce sonolência os invadiu.

Quando se juntaram à colónia dos plantígrados esta estava, enfim, completa, desde o mais jovem ao mais velho. Christophe e Frjdis notaram logo que apresentavam um ar de festa.

Uma rocha de gelo que formava uma espécie de mesa bastante grande ostentava a comida que Christophe e os ursinhos tinham apanhado pouco tempo antes.

Instalados à volta, os plantígrados só esperavam por eles para começar esta última refeição no fundo da gruta.

Foi uma refeição inesquecível para Frjdis apesar de tudo aquilo quanto já tinha visto e vivido depois da sua descida para a gruta. Na ponta da mesa, ao lado de Christophe e de Namina, enquanto comia com apetite uma espécie de caranguejos pequenos, via os plantígrados pegarem alegremente na comida e distribuí-la aos mais pequenos que, como tolinhos, iam e vinham

à volta da mesa pedindo sempre mais coisas diferentes.

Frjdis que tinha então oferecido na boca a um deles uma mão cheia de morangos aquáticos via-se já havia algum tempo constantemente solicitada por um pequeno rebanho de ursinhos que achavam particularmente engraçado comer na mão dela.

No fim da refeição, quando já não havia mais nada em cima da mesa de gelo, Nabum tomou a palavra enquanto Christophe traduzia para Frjdis. Dirigiu-se primeiro a Namina:

— *Lembro-me do dia em que trouxeste Christophe para junto de nós... Lembro-me também que o recebemos com grande indiferença.*

Depois, com um ar sincero, prosseguiu:

— *Tínhamos julgado o teu acto com severidade, no entanto, o futuro ia dar-te razão. Por isso eu digo: Viva Namina.*

E todos os presentes responderam:

— *Viva Namina!*

Nabum continuou o seu breve discurso:

— *Hoje Christophe vem propôr-se para nos conduzir à terra dos nossos antepassados e pede-nos que ajudemos o pai adoptivo da bonita*

*jovem aqui presente e todos os seus amigos...*

Preparava-se para continuar quando nesse mesmo instante vários assistentes exclamaram:

— *Apoiado! Apoiado!*

O discurso ficou por aqui porque entre os plantígrados o «dito» e o «feito» têm um só e único significado e, num instante, todos se encontravam à volta de Christophe que se pôs logo a caminho.

Caminharam assim algumas horas até à proximidade do barco. O nevoeiro que cobria os arredores da laguna de água de mar estava à vista. Era a região tabu. Foram então necessárias algumas explicações para convencer os menos aventureiros a avançar. Mas a ideia de sair da gruta era mais forte ainda e este grupo de viajantes penetrou finalmente no nevoeiro. Os ursinhos, pela primeira vez no dia, calaram-se e, apertados contra as mães, caminharam com um ar um pouco inquieto. Em breve chegaram ao barco, que provocou neles uma forte impressão.

Agora, que toda a colónia tinha sido reunida, Frjdis achava que perder tempo a visitar o barco não fazia sentido.

— Voltaremos aqui quando quiseres — disse Christophe. — Depois do fim da batalha lá em cima.

— Sim. Gostava muito de voltar aqui. Há algo que me atrai para este barco.

Pareceu procurar a razão disto nas suas lembranças mas não conseguiu encontrar o porquê.

— Talvez mais tarde saibas porquê!

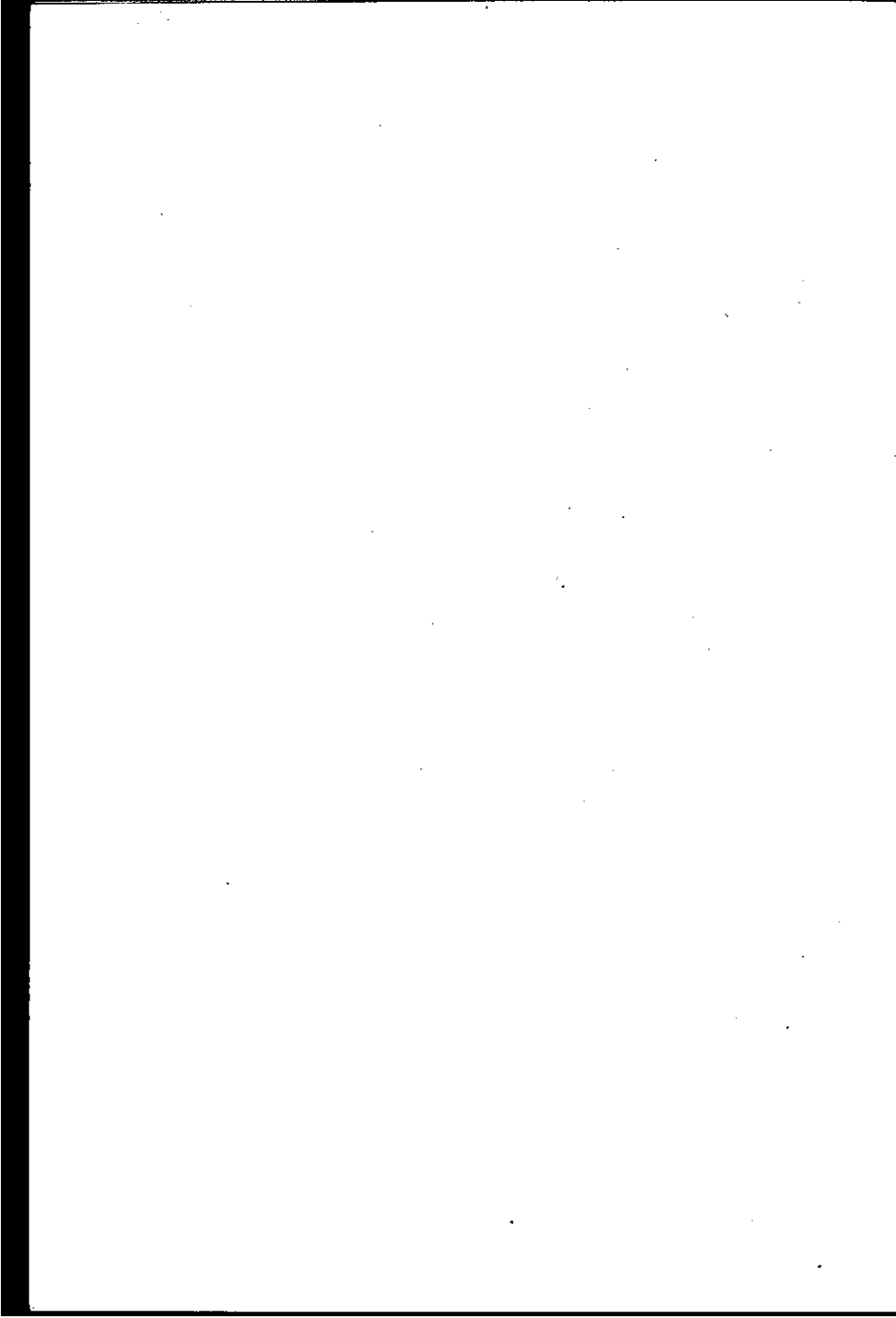
— Sim. É provável...

A beira da água, toda a colónia muito excitada esperava Christophe com impaciência.

Christophe deu então algumas explicações que Frjdis compreendeu pelos gestos que fazia; falava do percurso e da batalha que iam travar.

Já agarrada a Christophe como era costume Frjdis lançou um último olhar ao barco naufragado. Na popa, uma inscrição envelhecida indicava o nome «Trondheim Paradis».

Debaixo de água, Frjdis pensou no pastor que julgava ainda em segurança dentro do fortim, e na sua próxima libertação... depois as palavras inscritas no barco voltaram-lhe ao espírito: «Trondheim Paradis. Trondheim Paradis».



## CAPÍTULO X

### ESTA LUZ DOCE EMITIDA PELO SOL

A subida para a superfície fez-se sem incidentes. Enquanto na frente, Christophe indicava o caminho, atrás vários adultos empurravam os mais pequenos que tinham por vezes dificuldades em seguir o ritmo rápido que Christophe impunha ao grupo todo. Frjdis teve como anteriormente de respirar o ar da boca do seu «guia». Em nenhum momento sentiu todos os receios que atravessaram o seu espírito 24 horas antes, quando descera para a gruta.

Até notara que Christophe, por várias vezes, se tinha voltado para verificar se toda a «gente» o acompanhava bem.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Os primeiros raios de sol apareciam no horizonte quando chegaram à superfície.

Subindo logo para o gelo, Frjdis procurou rapidamente a sua roupa porque a temperatura estava francamente abaixo de zero.

No gelo, que em certos sítios era ainda fino, a colónia dos plantígrados encontrava-se reunida, em êxtase, perante o espectáculo que lhes ofereciam todas estas montanhas, estes espaços livres, o glaciér e esta luz doce emitida pelo Sol.

Enquanto os mais pequenos estavam estranhamente sossegados, os adultos, de pé sobre as patas de trás, viravam-se sobre eles mesmos várias vezes, o focinho estendido para o céu, farejando o ar fresco da madrugada.

Da margem, nenhum ruído chegava, mostrando, claramente, que os combates interrompidos durante a noite não tinham ainda recommençado.

Enquanto as mães empurravam as crias para o lado do fiorde oposto ao da Baía da Solidão, Christophe e Frjdis, agora bem quente na sua roupa do mundo dos humanos, caminhavam,

prudentemente para a aldeia seguidos por uns trinta plantígrados.

Contavam com o efeito da surpresa para encurtar o combate que se ia desenrolar.

Ao aproximarem-se da entrada da baía começaram a ouvir-se ruídos de vozes e os gritos de guerra do primeiro assalto matutino.

Aproveitando-se do facto de todos os inimigos se encontrarem ocupados em volta do fortim, a nossa pequena tropa, a correr, atravessou a baía e encontrou-se em breve na margem. Ao passar pelos *umiaks* dos guerreiros, Christophe agarrou numa flecha que encontrara no chão e preparava-se para rasgar a pele com a qual são construídos estes barcos, na intenção visível de impedir a retirada dos esquimós guerreiros.

— Não! — murmurou-lhe rapidamente Frjdis.

— Não compreendo a tua attitude — exclamou Christophe. — Porquê?

— Talvez seja melhor que possam escapar. Assim, poderão contar noutro sítio o que lhes aconteceu e desse modo desencorajar outras tribos a virem atacar-nos.

— Nesse caso talvez tenhas razão! — E vol-

tando-se para Nabum que esperava ao lado, impaciente, explicou-lhe qualquer coisa.

Frjdis fez-lhe um aceno interrogador com a cabeça:

— Disse-lhe que bastava aterrorizar os guerreiros inimigos. Que isso será o suficiente!

— Fizeste bem. Tenho a certeza que para eles será uma lição bem melhor.

Christophe e Frjdis tinham agora o fortim à vista e assistiam ao desenrolar dos acontecimentos.

Christophe hesitava em mostrar-se. Tanto mais que sabia que a sua participação no combate não era necessária. Aliás, a sua presença entre os planígrados poderia causar, no fortim, uma reacção negativa porque, ao vê-lo chegar à frente desta tropa, poderia pensar-se que se tratava de uma última e horrenda manobra dos inimigos, e isto talvez provocasse atitudes imprevisíveis e em último recurso perigosas para a gente do fortim.

Aliás, Nabum dissera-lhe com segurança:

— *Num instante teremos posto em debandada todos os que estão no exterior do teu fortim.*

Frjdis pensava também que Christophe não devia mostrar-se às pessoas da aldeia, pelo menos nessas condições.

Christophe convenceu-se, enfim, que devia ficar perto de Frjdis para se defenderem juntos se por acaso os inimigos se aproximassem deles.

Então fez um gesto largo com o braço e os plantígrados lançaram-se de rompante para o meio dos atacantes.

Estes, com efeito, não tiveram tempo de reagir. Podia dizer-se que, de repente, uma tempestade de bofetadas e de pancadaria se abatia sobre eles. Se protegiam a cara recebiam murros na barriga; se escondiam a barriga recebiam logo bofetadas violentíssimas que os atiravam ao chão ou os erguiam ao ar, num abrir e fechar de olhos. Para os plantígrados, esta batalha não passava de um jogo, do qual de momento a momento gostavam mais.

No fortim, a situação era agora bem diferente. Primeiro os sitiados pensaram, ao ver chegar estes ursos todos, que o seu fim estava próximo. Mas à medida que viam os seus inimigos serem batidos com tanta agilidade, uma espécie de grande alegria apoderara-se da guarnição

## A BAÍA DA SOLIDÃO

que subira toda para a paliçada para ver melhor o espectáculo, em tudo excepcional, seja dito em abono da verdade.

Deixando para trás os arcos, as lanças, os escudos e as armaduras que alguns minutos antes representavam um perigo real, a primeira onda de fugitivos alcançou em breve os barcos e começou a remar freneticamente entre os blocos de gelo para atingir a saída do fiorde. Os últimos a chegar, esses, tiveram de correr sobre o gelo para poder saltar nos últimos *umiaks* que deixavam a margem.

Ao olhar para o fortim com atenção, Frjdis teve de repente um pressentimento terrível porque não conseguia ver o seu pai adoptivo. Já todos os esquimós da aldeia davam asas à sua alegria, fora do fortim, e Frjdis, ainda paralisada, esperava ver sair o pastor. Depois, bruscamente, deixou Christophe e partiu a correr. Imina fê-la parar a meio caminho.

— O pastor, onde está? — perguntou Frjdis com violência. Imina parecia hesitar e Frjdis retomou:

— O pastor, onde está?

Enfim, decidida a falar, Imina respondeu:

— Ele partiu, deixou o fortim, partiu atrás de ti e não voltou...

Então Frjdis deixou-se cair sobre os joelhos, sacudida por violentos soluços.

Imina, pondo o braço sobre os ombros da sua amiga, tentava confortá-la, se bem que o olhar dela se perdesse na baía, indiferente aos últimos barcos que contornavam o promontório, seguidos de perto pelos plantígrados.

Só algum tempo depois pôde enfim conduzir a amiga para casa, mas quando lá chegaram Frjdis voltou-se para Imina:

— Deixei Christophe além. Tenho de lá voltar.

— Foi ele que organizou o ataque dos plantígrados, não foi?

— Pois foi. Anda comigo, vais conhecê-lo hoje.

Imina, apesar de surpreendida por esta proposta, olhou Frjdis bem nos olhos para se certificar que a amiga a queria levar e limitou-se a dizer:

— Vou contigo, Frjdis.

As duas jovens encaminharam-se então para a margem. Imina podia imaginar o desamparo

## A BAÍA DA SOLIDÃO

de Frjdis. Ter arriscado a vida como o fizera e ser ao fim e ao cabo a causa do desaparecimento do pastor! Caminhavam havia alguns minutos, quando de repente Frjdis, que ia adiante, parou repentinamente com um grito de horror. À sua frente encontrava-se o pastor, no chão, levemente apoiado num bloco de pedra, as pernas cobertas até aos joelhos pela neve.

Imina aproximou-se, pôs o ouvido sobre o peito do pastor e gritou a Frjdis:

— Está vivo! Ainda está vivo!

De facto o pastor, atingido pela flecha do esquimó que perseguia Frjdis, tinha recuperado os sentidos algumas horas depois e, mercê de um esforço sobre-humano, conseguira encostar-se ao rochedo onde Frjdis o encontrara. Esperara então que um milagre o viesse tirar dali.

Mal tiveram a aldeia à vista, alguns esquimós vieram ajudá-los a transportar o pastor até à sua casa e aí lhe foram prestados os primeiros socorros.

Os esquimós nunca chegaram a saber que o ataque dos ursos fora obra de Christophe e de Frjdis e pensaram ter isso sido fruto do acaso. Os dias seguintes foram passados no festejo da

sua vitória e no tratamento dos feridos, depois de as mulheres e as crianças terem regressado do seu esconderijo na montanha.

Frjdis, logo no dia seguinte, encontrou-se com Christophe e exprimiu a sua alegria de ter conseguido salvar o pastor. Agradeceu-lhe a ajuda que ele tinha dado, ajuda sem a qual muitas coisas teriam sido diferentes. Quanto ao pastor, apesar da ferida não ter sido muito grave, tinha dificuldades em restabelecer-se das queimaduras do frio, em particular nas pernas, que a sua estada de mais de 24 horas na neve havia provocado.

Ele falava agora em voltar para a Noruega para se tratar.

Frjdis não sabia o que fazer porque ouvira o pastor dizer sempre que o seu regresso à Noruega era praticamente impossível e mais valia esperar que um dia os viessem procurar do que tentar uma viagem que, provavelmente, não teria a menor possibilidade de ser levada a cabo. De facto, quando o pastor se apercebera que Weston e Úrsula não voltavam ao fiorde no ano seguinte — como havia sido decidido — compreendera que deviam ter tido algum acidente

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

ou naufragado algures no oceano, sem nunca ter pensado que ambos podiam estar perto da aldeia, feitos prisioneiros na gruta por baixo do glaciár.

Esta viagem à Noruega era para Frjdis um motivo de problemas mas que aceitava enfrentar, já que Christophe lhe oferecera ajuda.

Foi assim que uma semana depois do fim dos combates ela iniciou os preparativos para a viagem de regresso. Contava poder chegar à costa sul do Spitzberg antes que o Inverno chegasse e aí esperar para embarcar no primeiro barco de caçadores de focas que passasse nessas paragens.

## CAPÍTULO XI

### ACHO QUE VEJO UMA CABANA

Na manhã da partida pairava no ar algo parecido com um sentimento de tristeza.

Se bem que a manhã já fosse adiantada, ainda nenhum caçador saíra da aldeia de modo que toda a gente se encontrava silenciosamente em volta do trenó em que o pastor tinha sido instalado.

Frjdis saiu pela última vez da sua casa e dirigiu-se para o trenó acompanhada por Imina. O *angakok* inclinou-se sobre o pastor, murmurou-lhe alguma coisa ao ouvido e, erguendo-se, olhou Frjdis com um ar visivelmente desapontado.

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Talvez estivesse a pensar nesse longo período em que ele e o pastor se defrontavam, atitude essa que, mais tarde, veio a degenerar numa soberba indiferença.

Mas agora, na hora em que o pastor ia deixar, certamente para sempre, a aldeia, o *angakok* decidira ser o primeiro a estender a mão, num gesto de vencedor, para que a paz reinasse entre eles no futuro.

O pastor, apesar do seu estado de fraqueza, não deixou escapar esta oportunidade e murmurou com dificuldade algumas palavras que só o *angakok* foi capaz de compreender.

Frjdis empurrou então o trenó com toda a força, deu alguns passos a correr enquanto fazia estalar o chicote e que os cães, enterrando as patas na neve fresca que caíra durante a noite, iniciavam a sua corrida para o sul. O ladrar dos cães e o barulho do chicote romperam então o silêncio da manhã enquanto, já na margem, depois de ter saltado para a beira do trenó, Frjdis olhava, uma última vez, a aldeia. Imina, subindo para o gelo que cobria agora todo o fiorde, seguia com os olhos a sua amiga que rapidamente se afastava. Mais acima uma fila

de seres humanos fazia gestos de despedida aos quais Frjdis respondia longamente.

Os cães puxavam agora o trenó com entusiasmo sobre este gelo ainda liso e, em breve, Frjdis deixava a baía e dirigia-se directamente para o local onde Christophe a esperava. Este estava vestido de esquimó, com roupas que Frjdis lhe trouxera antes, porque ia ficar muito tempo à superfície, com temperaturas que poderiam atingir talvez 30 ou 40 graus negativos, temperaturas essas realmente muito baixas até mesmo para alguém como Christophe, que estava habituado ao frio.

Tinham combinado encontrar-se aqui para não levantar suspeitas entre os esquimós. Enquanto Frjdis desatrelava os cães que se puseram a correr de volta para a aldeia, Christophe passava os arreios de couro dos cães, à volta de Nabum.

Este ia substituí-los durante a viagem para o Sul, o que era uma grande vantagem porque, com a força de Nabum, a viagem ia ser encurtada de muitos dias. Atrelar um urso a um trenó não era em si um fenómeno raro já que em tempos remotos pensa-se que algumas tribos árc-

ticas conseguiram domesticar plantígrados e utilizá-los do mesmo modo que os lapões e os samoiedos utilizam as renas.

Com entusiasmo, Nabum começou então a puxar o trenó e em breve se aproximaram da saída do fiorde. Depois de ter ultrapassado o rochedo que guardava a entrada seguiram pelo estreito de Hinlopen avançando para o sul.

Caminharam durante vários dias e, quando chegaram ao fim do estreito, começaram então a seguir as costas íngremes do Spitzberg.

A viagem decorreu sem incidentes, parando só para comer e descansar. Nabum, esse não dava sinais de cansaço, mantendo sempre um passo firme.

Na tarde do décimo quarto dia foi Frjdis que primeiro assinalou a Christophe:

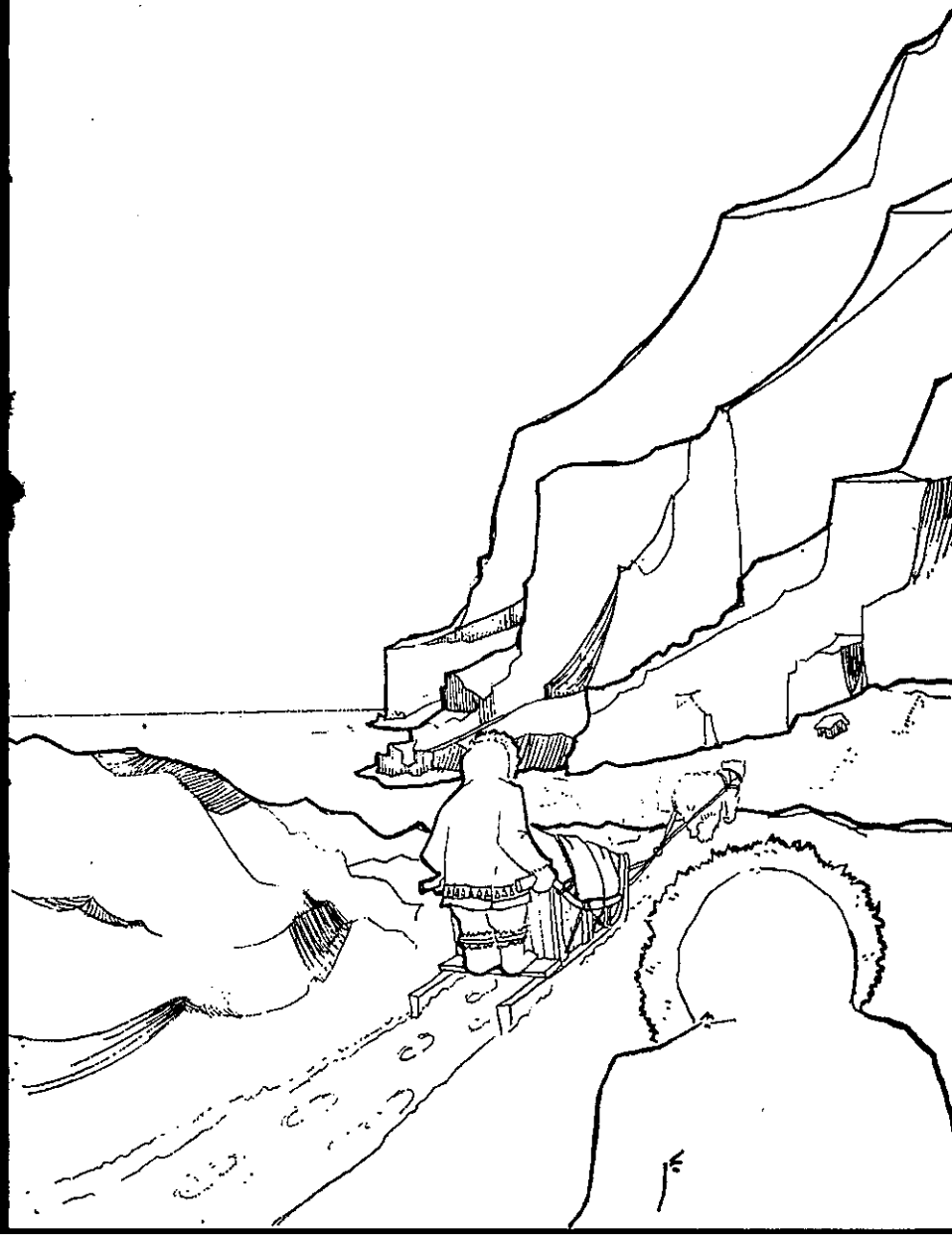
— Olha, além na margem, acho que vejo uma cabana.

Christophe voltou-se e olhou na direcção que Frjdis lhe indicava:

— Sim, estou a ver. Vamos até lá!

— E até, talvez, aproveitar para passar lá a noite.

— É uma boa ideia. Assim o pastor poderá



## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

recuperar também um pouco as suas forças. — Depois indicou a Nabum a direcção a seguir.

Uns cem metros mais adiante pararam então em frente da porta da cabana e entraram logo. Qual não foi o espanto deles ao verem alguém estendido no chão!

A cara pisada e tumificada pelas queimaduras do frio mostrava bem que o pobre homem tinha passado longos dias de fome e de frio antes que o acaso lhe pusesse no caminho os seus salvadores. Depois de uma breve troca de palavras, Christophe e Frjdis tomaram a decisão de ficar ali até ao fim do Inverno porque, de facto, não podiam continuar a viagem com um novo passageiro nem tão pouco podiam abandoná-lo neste sítio onde o esperava uma morte certa.

Tomada a decisão, os haveres que eles transportavam foram logo recolhidos e o trenó reduzido a lenha com a qual Frjdis acendeu um bom lume.

A temperatura no interior não demorou a subir enquanto o cheiro da comida que estava a ser preparada invadia a cabana, dando-lhe um ar de conforto e segurança. Em breve Frjdis

pôde, com cuidado, dar de comer ao seu anfitrião. O pobre homem continuava no entanto a delirar.

Este homem não era senão o meu amigo Inácio Real que, como já no princípio deste livro disse, se tinha tornado, em condições dramáticas, prisioneiro desta cabana dois meses antes.

Os cuidados com que Frjdis o tratou depressa o fizeram recuperar a razão e lhe devolveram um pouco das suas forças. Mas os efeitos benéficos deste tratamento estiveram a ponto de se perder porque no dia seguinte, quando Inácio Real se apercebeu da presença de Nabum no interior da cabana e viu Frjdis sentada no chão tranquilamente encostada ao dorso dele, voltou a entrar em delírio.

Foi então preciso explicar-lhe longamente que Nabum era um amigo e se bem que Inácio acenasse afirmativamente com a cabeça, era também evidente que continuava a desconfiar do urso.

Felizmente, à medida que recuperava as forças, a razão voltava-lhe progressivamente, de

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

modo que pôde, enfim, admitir que havia plan-tígrados simpáticos.

Este Inverno gravou-se para sempre na memória de Inácio Real como uma sucessão de acontecimentos excepcionais.

Primeiro ser salvo quando já se julgava perdido, depois a presença de Nabum e, enfim, o seu encontro com Christophe.

Com espanto via-o sair todos os dias, só ou então acompanhado por Frjdis e Nabum para voltar algumas horas depois com comida e lenha que nunca faltava para o fogão.

Para Christophe e Nabum estas actividades eram muito simples de realizar porque podiam ir debaixo de água pescar ou apanhar algas ou então arrancar ao gelo bocados de lenha flutuante que não faltava na região.

Um dia em que os três tinham partido, Inácio Real ficara, como era hábito, a tratar da refeição e a fazer companhia ao pastor que suportava ainda pior que ele esta invernação forçada.

Inácio ouviu então um urso a farejar fora da porta e, sem hesitar, foi abrir. Pensando tra-

tar-se de Nabum, virara as costas ao animal e voltara aos seus afazeres.

Quando o urso aproximava a boca do pastor, que o medo immobilizara, Christophe apareceu na cabana, e atirou-se à fera, fazendo-a rolar por terra. Inácio, surpreendido, não compreendia porque Christophe tratava com tanta violência Nabum e veio interpor-se.

— Pare, c'os diabos! O que é que lhe deu? — perguntava.

Frjdis, que acaba também de entrar, teve de intervir para reter Inácio.

— Mas porque se batem? — perguntava ainda Inácio.

— Não vê que não é Nabum? — respondeu Frjdis.

— Meu Deus! — exclamou então Inácio deixando-se cair no chão.

Christophe, que conseguira, enfim, expulsar o urso invasor, virou-se para Frjdis e ambos desataram a rir às gargalhadas.

Recomposto das emoções, Inácio dizia ainda a gaguejar:

— Era um urso a sério. E eu que estive para lhe dar a provar o meu guisado de foca!...

## A BAIÁ DA SOLIDÃO

— De certeza que teria gostado porque cheira mesmo bem! — respondeu Frjdis ainda a rir.

A invernagem continuou sem novos incidentes deste género que, por engraçado que tivesse sido, não deixara de representar um perigo real para o pastor e para Inácio.

O tempo livre, passavam-no os três a conversar ou Fjdis ensinava Christophe a ler num velho livro que trouxera de propósito para isso. O resto do tempo era para a caça, a pesca ou as actividades de manutenção da cabana.

Quando enfim a Primavera começou a aparecer, Inácio pôde acompanhá-los por vezes ao exterior e pensava que o seu delírio não estava de todo terminado. Via Christophe mergulhar no oceano por algumas passagens entre o gelo para voltar alguns minutos depois com peixes, crustáceos ou simplesmente uma mão cheia de molangos aquáticos.

Frjdis, ela, montada no dorso de Nabum, seguia pela margem à procura de mais lenha, ou simplesmente a passear.

Mal a estação se encontrou suficientemente avançada para permitir a passagem de uma barco pequeno entre os blocos de gelo, Christophe e

Inácio partiram ambos mais para o sul para ir buscar o dóri que o pescador abandonara, alguns meses atrás. A ideia era utilizá-lo depois para chegar à ponta sul da ilha e aí esperar que algum veleiro de passagem os levasse de volta à Noruega.

Dois dias mais tarde estavam de regresso com o barco que se encontrava ainda em estado de navegar.

Tinham então que se separar de Nabum. Não era fácil deixar um companheiro tão bom!

Do dia da partida, Inácio lembrava-se perfeitamente de ter visto Nabum de pé sobre as patas traseiras, ficar imenso tempo com o focinho levantado, enquanto Frjdis e Christophe lhe faziam grandes gestos de adeus.

Nos dias seguintes o pequeno barco seguiu a costa do Spitzberg, navegando sempre para o sul até ao dia em que uma vela apareceu no horizonte.

Era um baleeiro de Tromsö que em breve se dirigiu para eles mal alguém, na coberta, gritara:

—Barco a estibordo. Devem ser naufragos!

O capitão desse navio demonstrou-lhes uma grande amabilidade, apesar de nunca ter conseguido perceber bem as explicações que Frjdis

## A BAÍA DA SOLIDÃO

lhe dava para justificar a presença deles em tal sítio.

Em fins de Setembro, o porto de Tromsö estava à vista.

Frjdis estava duplamente inquieta, não só por causa do pastor mas também porque se interrogava sobre a reacção de Christophe no momento de desembarque.

Iria ou não aceitar com facilidade tudo quanto veria pela primeira vez?

Sentir-se-ia assustado no meio de uma terra como Tromsö?

No entanto, Christophe não pareceu dar uma grande importância a tudo o que via, mantendo sempre um ar reservado. A luz eléctrica, as casas, os cavalos que puxavam carroças e as pessoas, todas essas pessoas, que em certos sítios da cidade se empurravam umas às outras e gritavam, como acontecia junto ao cais do porto, tinham-no tornado cada vez mais fechado e silencioso.

Frjdis sentia no entanto que ele atravessava um período de grande emoção interior.

Como não havia barco que partisse para o Sul antes de alguns dias, tiveram de se instalar no Hotel do Fiorde, que Frjdis pagava com o di-



## A BAIÁ DA SOLIDÃO

nheiro da missão que o pastor havia guardado durante todos esses anos passados no Spitzberg.

A sorte, que tantas vezes estivera ao lado de Frjdis, abandonou-a no entanto nessa ocasião. No dia que se seguiu à sua chegada a Tromsö, Christophe desapareceu!

Foram então dias de grande tristeza para Frjdis. Saber Christophe perdido neste mundo estranho para ele, mergulhava-a num profundo desânimo.

— Passámos então vários dias a perguntar às pessoas se não o tinham visto — dizia-me Inácio Real referindo-se a esse infeliz incidente. Frjdis hesitava entre a vontade de ficar e continuar a procurar Christophe ou acompanhar o pastor a casa de Fru Brunhilde, como este lhe pedia.

— E o senhor, que fez? — perguntei a Inácio Real.

— Fiquei com ela para a ajudar nas buscas até ao momento em que Frjdis teve que partir finalmente para Trondheim.

«— Hei-de voltar para aqui logo que puder —» dissera ela então.

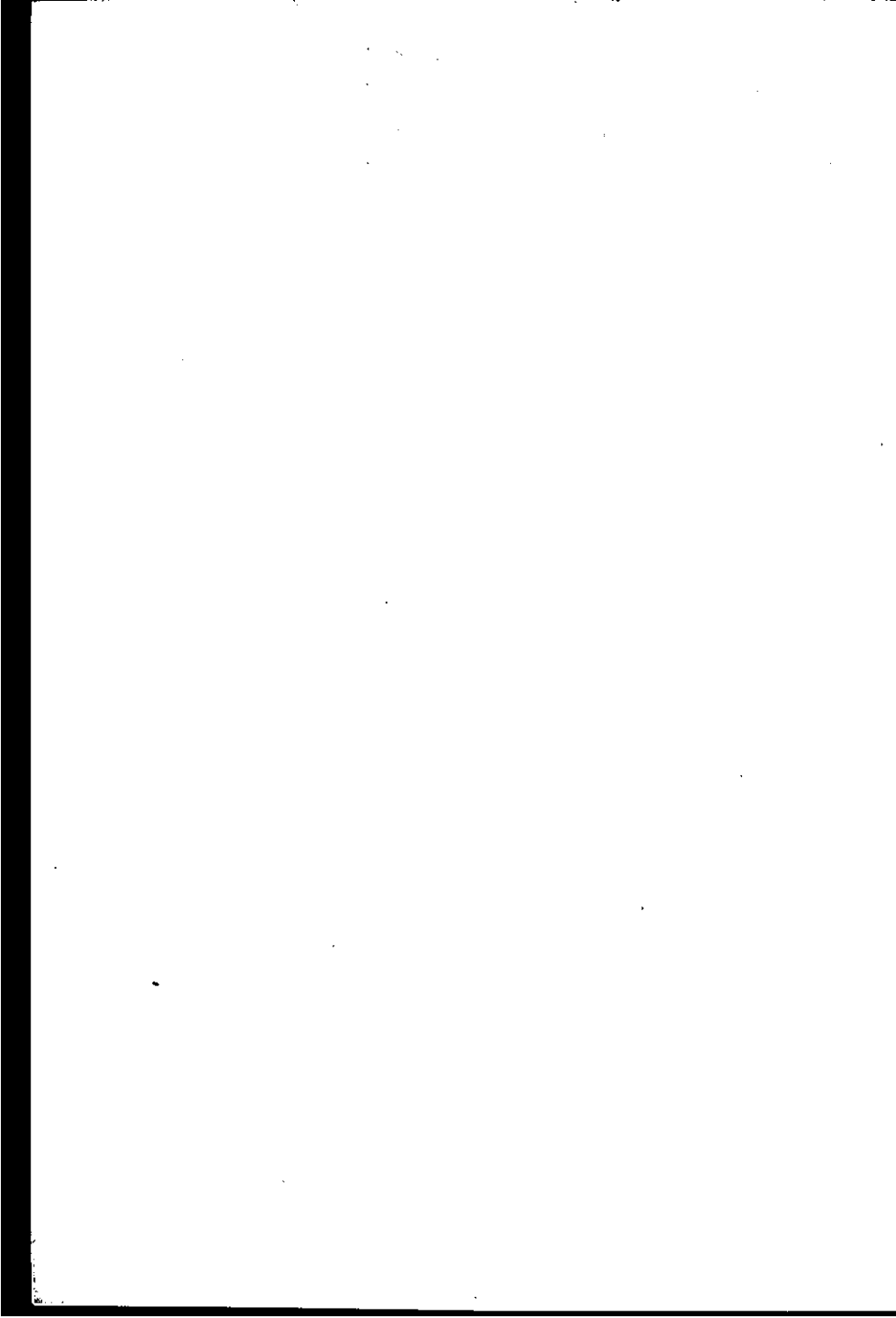
— E eu embarquei para o porto de Brest a

bordo de um baleeiro bretão que fizera escala em Tromsö e, finalmente, pude regressar a Santa Cruz.

Aqui terminou a narrativa que Inácio Real me fez da sua invernagem no Spitzberg, do seu encontro com Frjdis, com o pastor e com Christophe.

As condições nas quais Frjdis e o pastor tinham partido 18 anos antes na companhia de Weston e Úrsula, foram relatadas com base na narrativa que Fru Brunhilde me fez dos acontecimentos.

Essas duas narrativas, a de Fru Brunhilde e a de Inácio Real coincidiam perfeitamente e parecia-me que Christophe era o único e verdadeiro herdeiro da fortuna que se encontrava nos cofres do Spark Bank de Trondheim e que era constituído pela importância da venda de Weston Norway, Co. à Steamer Transport, Co.



## CAPÍTULO XII

### **OUVI UMA GARGALHADA FRESCA E SINCERA QUE FRJDIS ACABAVA DE SOLTAR**

Enquanto esperava a partida do meu barco retido por uma avaria qualquer no porto de Trondheim, decidi enviar sem demora uma mensagem a Frjdis, de tal modo estava impaciente para lhe revelar a minha descoberta.

Eis a cópia dessa mensagem:

«Cara Frjdis,

Obtive a sua morada por intermédio de Fru Brunhilde e tomo a liberdade de lhe escrever para lhe comunicar uma notícia que, espero, lhe será agradável.

No começo deste Verão encontrei-me com um

## A BAÍA DA SOLIDÃO

amigo seu — Inácio Real — que me contou a sua aventura assim como o desaparecimento do seu grande amigo Christophe. Se bem que não tivesse falado disso a ninguém, nem sequer a Fru Brunhilde, anuncio-lhe com a maior prontidão que conheço as origens de Christophe. Os pais dele chamavam-se Peter e Úrsula Weston e Christophe nasceu a bordo do «Ny Vega», o barco que, decerto, teve oportunidade de ver enclachado no fundo da gruta.

Talvez esteja a pensar que aquilo que lhe escrevo não vai adiantar nada na procura do seu amigo. Queira prosseguir esta leitura por mais algumas linhas e verá que não é esse o caso.

O fruto do acaso fez com que Christophe Weston seja hoje o herdeiro de uma fortuna considerável, a qual se encontra nos cofres do Spark Bank de Trondheim. Penso que lhe será fácil obter do director desse banco um empréstimo que lhe permita organizar uma expedição que partirá à procura do seu amigo.

Logo que encontre um meio de transporte para Tromsø irei procurá-la por ser este o maior desejo de Fru Brunhilde, que muito se preocupa consigo.

## A BAIÁ DA SOLIDÃO

Espero, além disso, que queira aceitar a minha humilde ajuda e me permita acompanhá-la nas buscas que irá certamente desencadear.

Até breve

Um seu servidor»

Alguns dias depois, na véspera da minha partida para Tromsö, recebi uma mensagem telegráfica endereçada ao meu hotel. Abri-a logo porque o carimbo do correio indicava que tinha sido enviada de Tromsö. Ao fundo da página pude logo ler o nome de Frjdis. Eis o conteúdo:

«Caro senhor,

Recebi a sua mensagem e estou-lhe profundamente grata pelo interesse que por mim demonstrou. Tenho no entanto que o decepcionar e evitar-lhe o incómodo da deslocação até Tromsö. De facto e, infelizmente para mim, está enganado quanto às origens de Christophe porque o barco que vi, efectivamente, no fundo do fiorde chama-se na verdade «Trondheim Paradis» e não «Ny Vega» como o senhor primeiro pensou.

Agradeço-lhe mais uma vez a sua amizade.»

## A BAÍA DA SOLIDÃO

Não conseguia acreditar naquilo que acabava de ler. Voltei a ler a carta várias vezes. Se o barco que se encontrava no fundo do fiorde não era o «Ny Vega» isso demonstrava, sem sombra de dúvida, que me enganara... No entanto, tudo quanto soubera por Fru Brunhilde e por Inácio coincidia perfeitamente.

O «Trondheim Paradis» era certamente um baleeiro qualquer que viera naufragar neste fiorde.

Fiquei várias horas sentado num dos *maples* da sala de fumo do hotel e estudei todos os factos que poderiam ter explicado o meu lamentável desaire e cheguei à conclusão que devia ir ao estaleiro onde o «Ny Vega» fora construído para consultar o *dossier*, se por acaso ainda existisse.

No dia seguinte pela manhã dirigi-me para o estaleiro perto do porto.

Fui amavelmente recebido pelo senhor Gunnar Thorsen, filho do fundador do estaleiro. Expliquei-lhe rapidamente a razão da minha visita:

— Não sei se conservamos o *dossier* do «Ny Vega» ... Os nossos escritórios foram mudados e receio que seja difícil encontrá-lo.

— Se entrevê uma única possibilidade...

— Sim, sim. Vou mandar um empregado procurar nos arquivos. O nome? Como disse?

— «Ny Vega».

— E foi construído em...?

— Em 1879... — apressei-me a responder.

Fiquei só no escritório durante uma boa meia hora. Andava de um lado a outro. Sentava-me e levantava-me, estava muito impaciente. Pela janela via, no barco que me devia levar a Tromsø, os marinheiros fazerem os preparativos da partida.

Finalmente Herr Thorsen entrou no escritório e logo compreendi que não me trazia boas notícias.

— Lamento, mas não encontramos nenhum traço de um barco chamado «Ny Vega» que tivesse sido construído no meu estaleiro. Talvez seja melhor procurar nos nossos concorrentes...

— Não — respondi —, estou certo que esse barco foi construído aqui.

— Infelizmente, veja por si próprio... Aqui tem a lista dos barcos que meu pai construiu em 1879.

Examinei essa lista com atenção: nenhum sinal do «Ny Vega» mas, no entanto, um nome

## A BAÍA DA SOLIDÃO

bem preciso estava lá inscrito «Trondheim Paradis».

— Deve ser isso... «Trondheim Paradis».

— Não compreendo... mas se quiser, vou buscar-lhe o *dossier*.

Esperei alguns instantes antes que o meu interlocutor me estendesse o *dossier*. Sentei-me a uma mesa e comecei a consultar os diversos documentos que continha. Cartas assinadas por Weston, os desenhos todos e as facturas. Weston tinha de facto mandado construir o «Trondheim Paradis» como também mandara construir vários outros barcos. Decididamente o «Ny Vega» desaparecera algures no oceano mas nunca ao fundo do fiorde.

Por espírito de rigor, folheei aqueles documentos todos até que, repentinamente, uma factura passada simplesmente em papel de correspondência me saltou à vista:

Despesas suplementares de pintura. Mudança do nome «Trondheim Paradis» para «Ny Vega».

0,50 Kr

22-3-1880

A luz fez-se no meu espírito. Fru Brunhilde dissera-me de facto ter visto no momento em que subia para o veleiro um operário acabando a pintura do nome do barco. Era estranho que se tivesse deixado este trabalho para a última hora. Até Peter Weston estava perto. Acabava talvez de mandar mudar o nome. Este trabalho de última hora tinha provavelmente sido feito com uma tinta simples que os anos no fundo da gruta haviam feito cair. Talvez até o mar tivesse já tirado as palavras «Ny Vega» para deixar aparecer as de «Trondheim Paradis» quando este mergulhou no oceano. A pintura definitiva do nome, por qualquer razão, não tinha sido efectuada.

Agradei calorosamente a Herr Thorsen e dirigi-me prontamente a casa de Fru Brunhilde à qual pedi que confirmasse a minha hipótese. Deu-me então a explicação que lhes forneci já atrás.

Não precisava de mais. Corri para o porto onde pude ainda saltar para o barco de Tromsø no momento em que largavam as amarras.

Retomava gosto à vida depois da decepção do dia anterior ao ler a carta de Frjdis e, enquanto o barco saía do fiorde de Trondheim,

## A BAÍA DA SOLIDÃO

saboreava já o prazer de anunciar a Frjdis, e desta vez sem sombra de dúvida, tudo o que soubera sobre a história da mudança de nome.

Ao chegar a Tromsø fui logo ao Market Hotel onde Frjdis trabalhava, ao que parecia como contabilista. Era um hotel com bastante mau aspecto, em pleno bairro portuário. Devia ser frequentado só por marinheiros de passagem ou à procura de trabalho.

Por trás do balcão, um homem com ar bastante estúpido perguntou de longe ao ver-me entrar na sua espécie de taberna:

— O que é que quer?

Aproximei-me dele:

— Procuo a senhora Frjdis. Trabalha aqui, creio eu.

— Ah! Essa! Tem qualquer coisa que não bate certo... Não fala... não ri! Nós aqui, bem vê, gostamos da risota... Qualquer dia ponho-a no olho da rua...

Interrompi as suas reflexões que não me interessavam:

— Está cá?

— Está, está! Deve andar lá por cima!

Apontou-me a escada, ao fundo da sala, que

me custou a ver de tão densa que era a fumarada do tabaco.

Os ruídos da sala ouviam-se muito menos quando cheguei ao cimo da escada depois de ter subido ao primeiro andar.

A escada dava para um patamar que se encontrava ao fundo do corredor. Uma porta entreaberta deixava ouvir o ruído de um pano que se torcia, a água que escorria e o esfregar. Talvez fosse uma mulher de limpeza a lavar um quarto.

Aproximei-me, empurrei lentamente a porta e perguntei:

— A senhora Frjdis está cá em cima?

Inclinada sobre o seu pano, a mulher respondeu-me, continuando a trabalhar:

— Sou eu mesma.

Fiquei como que petrificado. Frjdis ali, à minha frente, nestas condições...

— Chamo-me Raymond Bennet. Escrevi-lhe há dias.

Só então Frjdis parou. Pôs-se de pé limpando as mãos ao avental.

— Eu respondi-lhe. Está enganado em relação a toda essa história, infelizmente...





Frjdis aproximou-se da janela e pude então ver o seu ar de cansaço, de tristeza, o ar que se tem quando já não há esperança.

— Sim, eu recebi a sua mensagem — respondi-lhe só ao cabo de alguns instantes, de tão impressionado que estava ao vê-la assim.

— Então para que veio?

— Porque tenho razão. O «Ny Vega» e o «Trondheim Paradis» são nomes do mesmo barco.

Expliquei-lhe depois tudo o que sabia.

Nunca esquecerei o efeito que as minhas palavras produziram nesta jovem. Sem uma palavra, vi-a retomar gosto pela vida. O seu olhar adquiriu animação, os seus ombros, ainda há pouco curvados, endireitaram-se. O cansaço e a tristeza do seu rosto desapareceram. Aproximou-se da janela que dava para o mar... abriu-a e, na penumbra deste fim de dia, vi-a desatar o cabelo e tirar o avental que deixou cair no chão, naquele chão que não acabaria de lavar.

Sentia nela o regresso da coragem que a fizera um dia saltar por cima da paliçada do fortim, a coragem com a qual aceitara mergulhar no mar gelado, a coragem que lhe voltava e que a

ia ajudar nos meses a seguir a lutar contra todos os obstáculos, à procura de Christophe.

Frjdis voltou-se finalmente para mim e procurou formular algumas palavras de modo que me apressei a dizer:

— Eu vou já descer e espero-a lá em baixo. Há um barco que volta para o Sul ainda hoje. Temos tempo para falar depois de tudo isto.

Em baixo, o ar estava tão abafado como há pouco e o taberneiro continuava a gritar do mesmo modo. Revoltava-me saber que este personagem grotesco pudera falar de Frjdis da maneira como o fizera há pouco.

Esta não tardou a descer. O taberneiro inclinou-se sobre o balcão e, de boca aberta, com os olhos semicerrados, olhou-a sem uma palavra, de tal modo estava admirado de ver que a sua «criada» podia ser uma tão bela mulher.

Abri caminho pelo meio daquela gente toda para que Frjdis pudesse passar. Depois, no momento de sair, disse-lhe:

— Espere. É só um instante.

Voltei junto ao balcão onde o taberneiro se encontrava, ainda na mesma posição. Olheio-o

## *A BAÍA DA SOLIDÃO*

bem de frente e mandei-lhe um murro violento naquele nariz de bruto.

Não se perturbou de modo nenhum, e podia ter até pensado que falhara o alvo se a minha mão não me doesse daquela maneira e se não visse correrem algumas gotas de sangue sobre o beijo superior do taberneiro.

Da outra ponta da sala que estava agora mergulhada num silêncio absoluto ouvi então uma gargalhada fresca e sincera que Frjdis acabava de soltar.